UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

CURSO BACHARELADO EM NUTRIÇÃO

KEICY PRISCILA MACIEL VIEIRA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

UFCG/BIBLIOTECA

Cuité/PB

2017

KEICY PRISCILA MACIEL VIEIRA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em Saúde coletiva.

Orientador: Profa. Dra. Michelle Cristine Medeiros Jacob

Cuité/PB

2017

Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

V658c Vieira, Keicy Priscila Maciel.

A contação de histórias como ferramenta para ações de Educação Alimentar e Nutricional no âmbito da educação infantil. / Keicy Priscila Maciel Vieira. – Cuité: CES, 2017.

124 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Nutrição) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2017.

Orientadora: Michelle Cristine Medeiros Jacob.

1. Gastronomia. 2. Hábitos alimentares. 3. Educação em saúde. 4. Metodologias ativas. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG CDU 641

KEICY PRISCILA MACIEL VIEIRA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Unidade Acadêmica de Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharel em Nutrição, com linha específica em saúde coletiva.

Aprovado em 23 de março de 2017

UFCG/BIBLIOTECA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Michelle Cristine Medeiros Jacob
UFCG/CES/UAS
Orientador

Prof. Dra. Izayana Pereira Feitosa
UFCG/CES/UAS
Examinador

Nut. Viviany Moura Chaves
UFRN/PPGCS
Examinador

Cuité/PB
2017

UFC/BIBLIOTECA

A minha tia, Maria Ormina Vieira (*in memoriam*) para sempre, em nossos corações.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por ser minha luz. A caminhada nunca foi fácil, mas eu nunca estive só. Acredito, confiando nele que esse trabalho servirá de instrumento de disseminação da tão importante Educação Alimentar e Nutricional, inspirando profissionais da saúde e educação nas suas práticas de promoção de saúde.

Aos meus pais, **Enedino Vieira** e **Maria Argina**, por serem parte de tudo que sou e fiz. Por me incentivarem a buscar o melhor e por mesmo na distância nunca terem me deixado só. Amo infinitamente.

A minha família **Maciel** e **Vieira**, em nome dos meus irmãos **Kelly Patricia** e **Antônio Kelson**, vocês são uma parte importante de mim, agradeço por todo amor, carinho e incentivo.

Aos meus sobrinhos, **Roberto Neto**, **Ana Lorena** e **Manuela**, por serem a fonte da minha inspiração. Os meus primeiros registros de contação de história são com vocês. Com todo amor, esse trabalho tem um pedacinho de cada um.

A minha orientadora, **Michelle Jacob**, a quem admiro pela sua trajetória. Agradeço por toda confiança depositada em mim, e pela competência em me orientar para os melhores caminhos. Agradeço, principalmente por ter me feito enxergar a ciência da Nutrição com outros olhos.

As minhas amigas, minha família em Cuité. **Marina Castro**, **Fernanda Augusta**, **Catarina Medeiros**, **Sabrina Camila**, **Laura Beatriz** e **Carla Heloisa**. Sem vocês tudo seria mais difícil, não caberá nessas linhas à tamanha gratidão que eu tenho por cada uma. Agradeço por absolutamente tudo, por terem me ajudado a crescer como pessoa e por serem esses amorzinhos. Laços de amor não precisam ser de sangue, amo vocês!

A **Isaias Kerven**, por todo amor, carinho e paciência. E por todas as vezes que me fez me enxergar com os seus olhos.

A minha vizinha e amiga, **Aurineide**, por ter me ajudado durante toda minha jornada acadêmica. Agradeço de coração por tudo.

A **cidade de Cuité**, por ter sido minha segunda casa e pela grande oportunidade de me transformar em Nutricionista. Minha eterna gratidão a esse povo tão acolhedor.

Aos **diretores** e **professores** das **escolas e creches de Cuité/PB**, por terem abraçado essa ideia e recebido à equipe das intervenções de uma forma tão calorosa. A educação se faz com amor. Gratidão!

Aos membros do projeto, *Repasto Literário*, em nome de **Aline Oliveira**, **Rônisson Thomas** e **Viviany Chaves**, por terem sonhado junto comigo, além de terem me ajudado em questões essenciais para concretização desse trabalho.

E por fim, e não menos importante, ao governo **Lula,** pela extensão dos *campus* universitários.

A todos que direto ou indiretamente ajudaram na concretização desse trabalho.

UFCG/BIBLIOTECA

"Calvino, em seu livro Lições Americanas, diz que a fantasia é um lugar onde chove". Eu acredito que também a educação seja, metaforicamente, um lugar onde chove. É um lugar onde chove um pouco de tudo; um lugar aberto, sem proteção, onde chovem falas, ações, pensamentos, memórias, conhecimentos, amores, emoções, ideais, paixões, fadigas, amarguras, alegrias. A educação é um lugar onde há riscos; é um lugar descoberto, exposto à imprevisibilidade do tempo, onde crianças e professores podem até se molhar, transformando-se em um lugar desconfortável, úmido, mas cheio de aventura, verdadeiro, intenso, fascinante.

Maria da Graça Souza Horn

RESUMO

VIEIRA, K. P. M. **A contação de histórias como ferramenta para ações de Educação Alimentar e Nutricional no âmbito da educação infantil**. 2017. 124f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) - Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2017.

A obesidade e a desnutrição apresentam-se como problema de saúde pública mundial. Pensando nisso, uma forma de enfrentar tais problemas, que ameaçam a segurança alimentar e nutricional da população, é o desenvolvimento de atividades de Educação alimentar e Nutricional no âmbito da educação infantil. O objetivo deste trabalho foi desenvolver e avaliar intervenções de Educação Alimentar e Nutricional, que utilizaram a contação de histórias como técnica de metodologia ativa e estratégia da Promoção da Alimentação Adequada e Saudável, junto a crianças e professores da Educação Infantil no município de Cuité, Paraíba. A pesquisa contemplou três fases, planejamento, que envolveu a capacitação da equipe, desenvolvimento das ações e, por fim, avaliação dos alunos e dos professores. Os planejamentos foram realizados seguindo a pedagogia de projetos apresentada por Pinto (2006), as ações foram desenvolvidas com base no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, a partir dos planejamentos, pode-se pensar antecipadamente nos problemas que poderiam surgir durante a prática, auxiliando a equipe nas ações e avaliação. Os alunos avaliaram positivamente as intervenções mostrando que a contação de história é uma metodologia ativa que pode ser utilizada para promoção da alimentação adequada e saudável. Na avaliação dos professores, pode-se perceber que eles se mostraram confiantes na pertinência pedagógica da metodologia proposta e empolgados com o trabalho da Educação Alimentar e Nutricional na sala de aula. Assim, o trabalho com contação de história, motivou alunos e professores a refletir sobre a importância da alimentação adequada e saudável. Conclui-se, ainda, que é necessário realizar um trabalho sistemático de formação com pedagogos e profissionais de saúde, para que compreendam a importância da efetivação de uma prática que interliga os dois campos de atuação.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Metodologias ativas. Hábitos alimentares.

UFCG/BIBLIOTECA

ABSTRACT

Obesity and innutrition present as a public health problems worldwide. Thinking about it, a form to beard such problems that threaten feedd security and nutritional of the population, is the development of activities of food and nutrition education in the ambit of early childhood education. The objective of this work was to develop and evaluate interventions of Food and Nutrition Education, which used the storytelling as a technique of active methodology and strategy for the promotion of adequate and healthy feedind, together children and teachers of Early Childhood Education in the city of Cuité, Paraíba. The research contemplated three phases, planning, that involved the capacity of the team, development of the actions and, lastly, evaluation of the students and the teachers. The planning was realized following the pedagogy of projects presented by Pinto (2006), the actions were developed based on the National Curriculum Framework for Early Childhood Education, from the planning it may to think in advance on problems that could arise during the practice, assisting the team in the actions and evaluation. The students positively evaluated the interventions showing that the storytelling is an active methodology that may be utilized to promote adequate and healthy food. In the evaluation of teachers, it can be perceive that they were showed confident in the pedagogical relevance of the proposed methodology and excited with the work of the Food and Nutrition Education in the classroom. Thus, the work with storytelling motivated students and teachers to reflect on the importance of adequate and healthy food. It is concluded, furthermore, that it is necessary to realize a systematic work of training with pedagogues and health professionals, to comprehend the importance of the effectuation of a practice that connects the two fields of performance.

Key words: Health Education. Active methodologies. Eating habits.

UFCG/BIBLIOTECA

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma geral das intervenções..... 32
Tabela 2 – Projetos pedagógicos desenvolvidos por intervenção 33
Tabela 3 – Nível de satisfação dos alunos..... 36
Tabela 4 – Qualidade da intervenção realizada e a contribuição da intervenção para a promoção da alimentação saudável e adequada..... 39

LISTA DE ABREVIATURAS E SLIGAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CES	Centro de Educação e Saúde
CNAE	Campanha Nacional de Alimentação Escolar
CNME	Campanha Nacional de Merenda Escolar
DCNT	Doenças Crônicas Não Transmissíveis
EAN	Educação alimentar e Nutricional
FAO	*Food And Agriculture*
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMC	Indíce De Massa Corporal
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAAS	Promoção da alimentação adequada e saudável
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
PROEXT	Programa de Extensão Universitária
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
RL	Repasto Literário
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SPSS	*Statistical Package for the Social Sciences*
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
WHO	*World Health Organization*

UFCG/BIBLIOTECA

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO** 13

2. **OBJETIVO** 15

2.1. OBJETIVO GERAL 15

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS 15

3. **REFERÊNCIAL TEÓRICO** 16

3.1. PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA INFÂNCIA 16

3.2. A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO ÂMBITO DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR 19

3.3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO METODOLOGIA DE INOVAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÂO ALIMENTAR E NUTRICIONAL 23

4. **METODOLOGIA** 26

4.1. TIPO DE PESQUISA 26

4.2. CAMPO DE PESQUISA 26

4.3. PARTICIPANTES DA PESQUISA 27

4.4. QUESTÕES ÉTICAS 27

4.5. DESENHO DA PESQUISA 28

4.5.1. Capacitação da equipe 28

4.5.2. Elaboração dos projetos 28

4.5.3. Desenvolvimento das intervenções e o apoio do projeto Repasto Literário 29

4.5.4. Avaliação 30

4.6. COLETA E ANÁLISE DE DADOS 30

4.6.1. Avaliação dos alunos 30

4.6.2. Avaliação dos professores 31

5. **RESULTADOS E DISCUSSÃO** 32

5.1. DESCRIÇÃO DAS INTERVENÇÕES 32

5.1.1. Cronograma geral de intervenções 32

5.1.2. Projetos pedagógicos desenvolvidos 32

5.1.3. Alcance das ações 35

5.2. AVALIAÇÃO DOS ALUNOS 36

5.3. AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES 38

UFCG/BIBLIOTECA

5.4. LIMITE DAS AÇÕES 42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 44
REFERÊNCIAS 46
APÊNDICES 55
ANEXOS 59

1 INTRODUÇÃO

O relatório final das Estatísticas de Saúde de 2015 da Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca a necessidade de deter o impacto crescente das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT). As estatísticas mostram que, em 2014, 11% dos homens e 15% das mulheres com 18 anos ou mais estavam obesos e que mais de 6% das crianças abaixo de cinco anos estavam com sobrepeso (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2015).

Além da crescente demanda das DCNT, com um enfoque na obesidade, algumas regiões do Brasil ainda enfrentam problemas de desnutrição, o que ocorre principalmente pela desigualdade social latente que ainda existe no país. Dados da chamada nutricional de escolares matriculados na rede pública de ensino do município de Cuité-PB mostram que cerca de 9,8% dos estudantes entre 3 e 9 anos apresentam risco para desnutrição, enquanto que 2,9% já se encontram desnutridos. Cerca de 11,3% das crianças demonstraram risco para sobrepeso e 9,0% já apresentavam excesso de peso (SANTOS et al., 2016).

Esses cenários apontam a necessidade de desenvolver atividades de Promoção da Alimentação Adequada e Saudável (PAAS) como via fundamental para conter do avanço dessas doenças (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014). Trabalhar esta ideia ao longo da vida, desde a infância, é estratégia fundamental para construção de comportamentos e atitudes que podem persistir no futuro. A educação infantil é o período que engloba crianças entre 0 a 6 anos de idade. Além disso, caracteriza-se pelo desenvolvimento da função motora, linguagem e habilidades sociais relacionadas à alimentação (BRASIL, 2012a).

As atividades de educação alimentar e nutricional (EAN) junto ao público infantil, enquanto estratégia de PAAS devem proporcionar a construção coletiva do conhecimento e envolver a equipe de saúde, a escola, a criança e a família. Devem ocorrer de maneira integrada entre práticas, crenças, saberes e vivências das crianças e não dissociada em práticas pedagógicas exclusivamente teóricas (BRASIL, 2012a).

No Brasil o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é um programa, que por meio de transferência de recursos financeiros, visa garantir a alimentação escolar dos alunos de toda a educação básica. É também objetivo do

UFCG/BIBLIOTECA

PNAE promover a EAN como forma de estimular práticas alimentares saudáveis (BRASIL, 2009). Entretanto ainda há lacunas nas estratégias de EAN, ao não alcançarem uma prática pedagógica integrada ao currículo e exclusivamente teóricas, conforme salienta Brasil (2012a).

Uma das opções pedagógicas auxiliares da EAN, que poderiam vir a preencher esta lacuna, são as metodologias ativas, que buscam práticas autônomas e que estimulam a instauração de uma consciência problematizadora, de forma a alcançar e motivar o estudante (MITRE, 2008). As atividades exigem o desenvolvimento de abordagens que permitam alcançar os problemas nutricionais de modo mais amplo, por intermédio de estratégias que superem a mera transmissão de informações (GABRIEL; SANTOS; VASCONCELOS, 2008). Considerando esse cenário, quais seriam as estratégias válidas de metodologias ativas para a promoção da alimentação adequada e saudável?

Algumas técnicas específicas para operacionalizar tal trabalho são elencadas por Cervato-Mancuso e Diez-Garcia (2011) e Boog (2013): oficinas culinárias como forma de estímulo à autonomia, utilização do cinema enquanto fenômeno social total com o fim de fomentar práticas reflexivas, trabalho com reminiscências alimentares como forma de ativar processos de subjetivação, compartilhamento de vivências alimentares em grupos estruturados, além das iniciativas de *marketing* social por meio da mídia: campanhas cognitivas, de ação, de estímulos a comportamentos saudáveis, dentre outras. Acredita-se que, na educação infantil, a contação de histórias também se constitua em uma dessas ferramentas. Souza e Bernardino (2011) apontam a contação de história como uma das diversas formas de trazer a literatura como via de promoção da alimentação saudável para o público em geral, principalmente o infantil. É uma prática educativa que torna a criança mais acessível à escuta e ao desenvolvimento das linguagens oral e escrita, afirmam os autores.

Portanto, o presente trabalho teve como intuito avaliar e discutir intervenções de EAN que utilizaram a contação de histórias como técnica de metodologia ativa, junto às crianças da Educação Infantil no município de Cuité-PB.

UFCG/BIBLIOTECA

2 OBJETIVO

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar intervenções de EAN, que utilizaram a contação de histórias como técnica de metodologia ativa e estratégia da PAAS, junto a crianças e professores da Educação Infantil no município de Cuité-PB.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Elaborar projetos pedagógicos tomando a contação de histórias como metodologia de intervenção;
- ✓ Avaliar a aceitação das intervenções pelos alunos;
- ✓ Avaliar, junto aos professores, a pertinência pedagógica da metodologia proposta.

UFCG/BIBLIOTECA

3 REFERÊNCIAL TEÓRICO

3.1 PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NA INFÂNCIA

A infância compreende um período da vida em que ocorrem diversas transformações fisiológicas e psicológicas. Em parte desta fase da vida as crianças estão na escola e esse ambiente desempenha um papel fundamental na formação de práticas alimentares, permitindo que os pequenos adquiram certo grau de autonomia em sua alimentação. Hoje as crianças ficam cada vez mais tempo assistindo televisão, jogando videogame ou interagindo com o computador e menos tempo brincando ativamente (DIETZ, 2001); e é por isso, além de outros fatores relacionados à alimentação, que estamos vivendo uma epidemia de sobrepeso e obesidade. Atualmente, a obesidade é considerada um problema de saúde pública mundial (LANES et al., 2012).

É também na escola que, desafortunadamente, na maioria das vezes, as crianças passam a ter acesso e a conhecer os doces além de produtos industrializados e frituras o que acarreta num elevado consumo de alimentos contendo alto teor de açúcares, lipídeos, sódio e um baixo consumo de frutas e hortaliças, sendo esse perfil alimentar associado ao desenvolvimento de uma série de patologias como: retardo no crescimento, anemias, desnutrição, obesidade e acarretando num baixo rendimento escolar (BATISTA et al., 2011; COSTA et al., 2012; LANES et al., 2012).

A alimentação escolar desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, ao mesmo tempo em que também garante um suprimento mínimo de alimentos às populações carentes. Dentro desse contexto, o PNAE pode ser considerado um importante programa de garantia à segurança alimentar (SAN) no Brasil, pois para muitos estudantes, a merenda que recebem na escola é a única refeição completa e balanceada dia (TURPIN, 2008).

Para garantir o adequado desenvolvimento físico e psicomotor, as crianças precisam de um suporte equilibrado de nutrientes. Quando não se alimentam de forma adequada, correm maiores riscos de desenvolver doenças crônicas na idade adulta (BOCCALETTO; MENDES, 2009). Por isso, a formação de hábitos saudáveis de vida não deve ser desvinculada do processo educativo.

UFCG/BIBLIOTECA

De acordo com o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (BRASIL, 1998), um dos objetivos da Educação Infantil é ajudar as crianças a descobrir e conhecer progressivamente seu corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidados com a própria saúde e bem-estar no ambiente escolar. Acredita-se que quanto mais cedo as boas práticas alimentares são estimuladas, maiores as probabilidades de estas permanecerem na vida adulta.

No Brasil, o cenário é preocupante quando o assunto envolve as consequências de uma alimentação inadequada. De acordo com os resultados da última *Pesquisa de Orçamentos Familiares* (POF) 2008-2009, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Saúde, cerca de 50% da população brasileira apresenta excesso de peso e obesidade. Dados mais específicos demonstraram um aumento no número de crianças de 5 a 9 anos com excesso de peso ao longo de 34 anos: em 2008-2009, 34,8% dos meninos estavam com sobrepeso, acima da faixa considerada saudável pela OMS. Em 1989, este índice era de 15%, contra 10,9% em 1974-75. Observou-se padrão semelhante nas meninas que, de 8,6% na década de 70, foram para 11,9% no final dos anos 80, e chegaram aos 32% em 2008-09 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

UFCG/BIBLIOTECA

Problemas relacionados com a nutrição e saúde em crianças são causas cada vez mais significativas, de incapacidade e morte prematura no mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010). O aumento da prevalência do sobrepeso e obesidade são atribuídos a uma série de fatores, incluindo uma mudança global na dieta e uma menor tendência na prática de atividade física. A OMS define obesidade como um acúmulo anormal ou excessivo de gordura que pode prejudicar a saúde. Para adultos eutróficos a faixa do Indíce de Massa Corporal (IMC) vai até 24,9 e ao passar disso já se configura sobrepeso, acima 30 já se considera obesidade (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

Em crianças a avaliação do estado nutricional é feita a partir das curvas de crescimento da OMS, aquelas que, pelo indicador peso/idade, encontram-se ≥ escore-z +1 e > escore-z +3 são classificadas com excesso de peso. Aquelas em risco de baixo peso, baixo peso ou peso extremo para idade estão na faixa ≥ escore-z -2 e < escore-z -3 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006).

Segundo a OMS (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006), a causa fundamental da obesidade e do sobrepeso é um desequilíbrio energético entre as calorias ingeridas e as calorias gastas. Assim, qualquer fator que eleve o consumo de energia ou diminua o gasto energético, pode causar obesidade em longo prazo. Além disso, essa é uma doença multifatorial associada a fatores genéticos, ambientais e psicológicos.

A prevalência da obesidade infantil vem apresentando um rápido aumento nas últimas décadas, sendo caracterizada como uma verdadeira epidemia mundial. De fato é bastante preocupante, pois a associação da obesidade com alterações metabólicas, como a dislipidemia, a hipertensão e a intolerância à glicose, até alguns anos atrás, eram mais evidentes em adultos; no entanto, hoje já podem ser observadas frequentemente na faixa etária mais jovem (PULGARON, 2013).

Apesar da transição nutricional e da mudança nos padrões de vida da população, a desnutrição continua a ser um grande problema em muitos países em desenvolvimento. Nesses casos a obesidade senta-se ao lado de contínuos problemas de desnutrição, criando um duplo fardo para a saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010).

UFCG/BIBLIOTECA

A desnutrição infantil é um importante problema de saúde pública em todo o mundo e globalmente um fator contributivo importante para quase 45% de toda a mortalidade na infância (BECKER et al., 2014; MEHTA et al., 2013). Déficits de proteína, energia e micronutrientes juntamente com fatores ambientais relacionados, comportamentais, biológicos e de cuidados de saúde, levam a insuficiência de crescimento e atraso no desenvolvimento (BECKER et al., 2014; BHUTHIA, 2014; MEHTA et al., 2013). Esse quadro está associado a uma situação crônica da desnutrição, típica de países em desenvolvimento. Por outro lado, também pode ser resultado de enfermidades agudas ou crônicas nos países desenvolvidos (BECKER et al., 2014).

No Brasil, mesmo com a diminuição nos índices da desnutrição, estudos têm mostrado que a redução da prevalência das carências nutricionais não acontece com a mesma frequência, ou seja, associado ao aumento de sobrepeso e obesidade verifica-se também grande privação do consumo de micronutrientes, que caracterizam o desenvolvimento de deficiências nutricionais específicas, que por muito tempo estiveram relacionadas com a desnutrição (BATISTA FILHO; RISSIN, 2003; LEÃO; SANTOS, 2012).

Além disso, ainda permanecem no Brasil as formas mais severas dessa patologia, especialmente o déficit de estatura por idade. Este é mais grave nas regiões Norte e Nordeste, mas também está presente em bolsões de pobreza nas demais regiões, o que caracteriza a desnutrição, como um fruto da desigualdade social do país (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004).

Um dos mais relevantes focos de medidas deve ser a prevenção do déficit estatural na população infantil, considerado como produto da fome crônica, da desigualdade social e da miséria brasileira (BATISTA; RISSIN, 2003). Este corresponde a uma das características mais significativas dessa patologia e representa o efeito cumulativo do estresse nutricional sobre o crescimento esquelético (BISCEGLI et al., 2006).

A desnutrição continua a ser um dos problemas importantes de saúde pública, em razão das consequências desastrosas para o crescimento, desenvolvimento e até para a sobrevivência das crianças. A baixa estatura tem sido relacionada ao atraso na capacidade intelectual, baixo rendimento escolar, menor capacidade física para o trabalho, além de ser considerado como um determinante do maior risco para gerar crianças com baixo peso ao nascer entre as mulheres (LAURENTINO; ARRUDA; ARRUDA, 2003).

UFCG/BIBLIOTECA

3.2 A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO ÂMBITO DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

O PNAE foi criado pelo decreto nº 37.106, de 31 de março de 1955 com o nome de *Campanha da Merenda Escolar*. Em 1956, com a edição do Decreto n° 39.007, de 11 de abril de 1956, ela passou a se denominar *Campanha Nacional de Merenda Escolar* (CNME), com a intenção de promover o atendimento em âmbito nacional. No ano de 1965, o nome da CNME foi alterado para *Campanha Nacional de Alimentação Escolar* (CNAE) nesse mesmo ano surgiu um elenco de programas de ajuda americana, entre os quais se destacavam: *Alimentos para a Paz*; *Programa de Alimentos para o Desenvolvimento*, voltado ao atendimento das populações carentes e à alimentação de crianças em idade escolar; e o *Programa Mundial de Alimentos* da FAO/ONU. Somente em 1979 o programa passa a ser chamado de *Programa Nacional de Alimentação Escolar* (PNAE). Com a Lei nº 11.947, de 16 de junho 2009, 30% do valor total disponível para o PNAE, devem ser investidos na

compra direta de produtos da agricultura familiar, medida que estimula o desenvolvimento econômico das comunidades (BRASIL, 2009).

O PNAE, desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), do Ministério da Educação, durante sua trajetória tem sofrido inúmeras alterações propiciando cada vez mais a incorporação da promoção da alimentação saudável no ambiente escolar como uma importante meta. Inúmeros projetos em parceria com outros órgãos focalizam esta ação e, juntamente a ela, a EAN, estão: *Dez Passos para Alimentação Saudável na Escola,* em parceria com o Ministério da Saúde, *Projeto Criança Saudável Educação Dez* com o Ministério do Desenvolvimento Social, *Projeto Alimentação Saudável nas Escolas* com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), *Projeto Educando com a Horta Escolar*, juntamente com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (BRASIL, 2006).

Estão entre as diretrizes do PNAE: emprego da alimentação adequada e saudável; EAN no processo de ensino e aprendizagem; universalidade do atendimento aos alunos matriculados na rede pública de educação básica; participação da comunidade no controle social; apoio ao desenvolvimento sustentável; direito a alimentação escolar, visando a garantir a segurança alimentar e nutricional dos alunos (BRASIL, 2009).

UFCG/BIBLIOTECA

Apesar da diretriz do PNAE, que refere a EAN como instrumento fundamental do processo de ensino e aprendizagem, há um hiato entre os discursos e as práticas em torno das atividades (SILVA, 2012). As ações e estratégias de EAN no campo da promoção da saúde, mesmo com os substanciais avanços, se concebem mais no plano da formulação teórica do que na prática em si e ainda estão distantes da perspectiva de promoção de saúde (CZERESNIA; FREITAS, 2009).

É necessário criar, em todas as projeções de realização das atividades de EAN, condições para a participação dos alunos, de forma que se sintam atores principais do projeto e responsáveis por sua execução, promovendo uma reflexão sobre as ações no sentido de melhorar a alimentação (AQUILLA, 2011).

A teoria da aprendizagem atual aponta para a necessidade de considerarmos os conhecimentos já construídos pelo sujeito (aluno) e, a partir daí, modificá-los ou aprofundá-los. Muitos modelos de formação, porém, ainda não incorporaram isso na sua prática, por se encontrarem baseados simplesmente na racionalidade técnica.

Os saberes da experiência, por exemplo, até bem pouco tempo nem sequer eram considerados (DAVANÇO; TADDEI; GAGLIALONE, 2004).

A EAN é um dos diversos campos de conhecimento da área de Nutrição, que visa à prática permanente e continua e busca promover a aplicação independente e voluntária de hábitos alimentares saudáveis, no contexto da realização do Direito humano à alimentação adequada e da promoção da garantia da segurança alimentar e nutricional (BRASIL, 2012b).

A alimentação é um aspecto fundamental para a promoção da saúde e no cuidado a saúde da criança. Porém, a nutrição e as práticas alimentares são aprendizados sociais, não podendo ser abordadas por uma única perspectiva disciplinar, pois o significado de nutrir e de comer ultrapassa o mero ato biológico (ROTENBERG; DE VARGAS, 2004).

A conscientização para a mudança de hábitos alimentares por meio de programas de saúde implementados em escolas, para melhora da qualidade de vida, possibilita que as crianças se tornem capazes para fazer as escolhas adequadas acerca de comportamentos que promovem a saúde do indivíduo, família e comunidade, pois o ambiente escolar possibilita a aquisição de novos conhecimentos e habilidades sendo o um importante ambiente para educação nutricional (MATTA, 2008).

O processo ensino-aprendizagem exige ações direcionadas para que o aluno/sujeito da pesquisa aprofunde e amplie os significados elaborados mediante sua participação e requer do professor ou mediador o exercício permanente do trabalho reflexivo, da disponibilidade para o acompanhamento, da pesquisa e do cuidado, que pressupõe a emergência de situações imprevistas e desconhecidas (MITRE, 2008).

Essas ações de ensino e aprendizagem poderiam ser materializadas por meio da arte já que muitos processos pedagógicos estão restritos a processos cognitivos que concentram em informações reproduzidas pelo professor e desconectadas da realidade do aluno. Essa atuação artística na educação possibilitaria uma abrangência e diversidade mais completa tanto no âmbito da sala de aula, como em estratégias de EAN (FASANELLO; PORTO, 2016).

Nesse tipo de estratégia, o aprendizado pode se dar pela aproximação das crianças com o conhecimento por meio de uma metodologia ativa que consiste em

um processo interativo, que se utilizem de técnicas como: dinâmicas, jogos, culinária, contação de histórias, cinema, entre outros (LANES et al., 2012).

As metodologias ativas estão alicerçadas em um princípio teórico significativo: a autonomia, algo explícito na invocação de Paulo Freire (FREIRE, 1996). Incluem um processo de aprendizagem amplo que possui como propriedade principal a inserção do estudante como a gente de sua aprendizagem. A educação contemporânea deve pressupor um discente capaz de autogerenciar ou autogovernar seu processo de formação (MITRE, 2008; MAIA, 2012).

Uma dessas estratégias educativas que vem ganhando espaço atualmente são as oficinas culinárias, estas consistem em táticas educativas e pedagógicas na qual o aprendizado de alimentação saudável se dá através de experiências teórico-práticas, que é constituído de conhecimento básico, manipulação e a degustação de alimentos (PEREIRA; SARMENTO, 2012).

Pereira e Sarmento (2012), com a análise dos resultados do seu estudo sobre oficinas culinárias na educação infantil, observaram que essas práticas desenvolvidas na sala de aula se mostraram efetivas como ferramenta de ensino para estimular a adoção de práticas alimentares saudáveis. Notou-se que a experiência interferiu de maneira positiva, influenciando na redução da aversão a legumes apresentada pelas crianças no inicio do estudo. Na pesquisa, constatou-se que 85% das crianças fizeram comentários positivos sobre a atividade, e 64,7% pediram a hortaliça na sua casa.

Além dessa, outras estratégias vêm garantido espaço efetivo como técnicas válidas para se trabalhar a EAN: abordagens como cinema, teatro e dinâmicas favorecem o desenvolvimento de competência dos estudantes na busca pela promoção de saúde (MAIA, 2012).

Um estudo realizado por Gonçalves et al. (2008), sobre a promoção de saúde na educação infantil, analisou diferentes estratégias de abordagem, dentre elas, o teatro. A partir dessa análise foi possível ressaltar a validade da iniciativa dos educadores da escola pesquisada em trabalhar com a promoção da saúde, além disso, a estratégia de teatro em todas as abordagens da pesquisa se mostrou como um instrumento ativo para promover a saúde na educação infantil, isso porque essa técnica, assim como a contação de história e brincadeiras de faz de conta, desperta o imaginário infantil e permite a discussão de assuntos delicados sem constranger a criança.

UFCG/BIBLIOTECA

Outra estratégia que atualmente também vem ganhando relevo é a contação de histórias.

Banks (2012) analisou a contação de história como instrumento para avançar na pesquisa de equidade em saúde, e observou que essa ferramenta permite uma melhor compreensão dos contextos sociais de cada indivíduo, possibilitando melhores diálogos sobre saúde e fortalecendo a participação da comunidade nos mesmos.

3.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO METODOLOGIA DE INOVAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DA EAN

A necessidade de interação sempre se fez presente ao longo da história humana, tanto por meio do diálogo, como por meio de desenhos, pinturas, gestos quanto pela fala. O ser humano intrinsecamente necessita do outro para o fortalecimento pessoal. A expressão criativa é reconhecida como arte, e contribui diretamente com o desenvolvimento das pessoas, seja na educação, na ação cultural, social, religiosa e na área da saúde (AMARAL, 2003; MANFERRARI, 2011).

Quando essas ações são vinculadas à contação de histórias, inicia-se um novo pensar, uma nova metodologia para colaborar com a vida do outro. O importante é saber que, com as ações lúdicas[1] da contação de histórias, acontece a capacidade de transformação psicológica, social, cultural e cognitiva, tanto no emissor quanto no receptor. Isso porque o exercício dessa atividade artística envolve empatia, valores morais e éticos, capazes de promover uma revolução no outro, de submeter o indivíduo a uma catarse, a uma redescoberta de si (GOMES; SANTOS; BARBOSA, 2014).

Os primeiros registros de contação de história vem dos *griot,* uma espécie de historiador africano ou um contador de histórias de vilarejo, considerados os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar: os artesãos da palavra. Há registros da atuação desses *griots* desde o século XIV, onde já atuavam no Império Mali. São eles os mantedores da tradição oral africana, nos últimos setecentos anos.

---

[1] Atividades lúdicas vulgarmente podem ser definidas como aquelas produtoras de entretenimento, que dão prazer e divertem. No entanto, alguns autores sugerem que esse conceito vai bem além de diversão. O lúdico interage com a capacidade de fantasiar da criança e, a partir dessa abertura para o imaginário, os pequenos crescem e constroem espaços para sua autonomia, tornando-se protagonistas de suas histórias (VASQUES, 2011).

De fato, a arte verbal dos griôs, forma dicionarizada, é tão antiga quanto a mais antiga das cidades da África Ocidental e as pesquisas arqueológicas podem nos fazer crer que tal arte já era mesmo praticada, na África, antes de Cristo (SILVA, 2013).

Desde então, o artifício de contar histórias vem sendo utilizado para repassar crenças e ensinamentos de geração a geração. E como os indivíduos não são seres estanques, evoluem, a contação de histórias evoluiu junto com o ser humano no decorrer do tempo, possibilitando inúmeros aspectos relevantes para a sociedade, a exemplo de desenvolvimento social, cognitivo, psíquico e afetivo. Com a evolução, essa prática ganhou formas e estilos, configurando-se como uma proposta saudável para a promoção de saúde na sociedade (COELHO, 2006).

As narrativas aguçam o fascíneo e o encantamento de crianças e adultos, despertam interesse, cativam a atenção e envolvem os ouvintes por prazer. As histórias se reproduzem de geração a geração, gerando muitas outras, cujos os fios se entrelaçam. A exemplo disso tem-se, o livro *As Mil e uma Noites*. Na obra, o encantamento produzido pelas histórias de Sheerazade fez com que sua própria vida fosse poupada (BEDRAM, 2010; BOSI, 1994).

Segundo Hartmann (2014), não existem regras absolutas para aprender ou definir a contação de histórias, a autora sugere que arte de contar histórias esteja vinculada a atuação, ou seja, a um novo conceito de ator o "ator-performe". Nesse contexto, o ator se confunde com o próprio personagem, não há mais um texto a ser decorado, já que ele também pode ser responsável pelo processo de construção dramatúrgica, assim como o contador.

Souza (2004), quando analisou oficinas de contação de história e de construção de brinquedos em comunidades de vulnerabilidade social de Florianópolis, percebeu que os textos podem ser instrumentos de compreensão e de representação da realidade social, promovendo nas crianças a possibilidade de um novo olhar sobre o lugar onde moram e como vivem. As histórias ganharam uma dimensão amplificada e as crianças puderam reconhecer nas palavras os valores morais e éticos que permeiam suas relações sociais.

Além de ser um importante instrumento de compreensão do mundo para as crianças, a contação de história permite uma aproximação com a literatura, esta como arte que, como expressão da cultura humana, comporta nela saberes de natureza múltipla: é transdisciplinar. Roland Barthes a destaca como um monumento

UFCG/BIBLIOTECA

transdisciplinar, que assume muitos saberes e os faz girar em uma grande unidade cosmogônica, sem fetichizar nenhum deles (BARTHES, 2007).

A literatura é importante para o desenvolvimento da criatividade e do emocional infantil. Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância como medos, sentimentos de inveja, de carinho, curiosidade, dor, perda, possibilitando o ensino infinitos assuntos (BERNARDINELLI, 2011).

A estrutura educacional sedimentada com base em princípios seculares tem levado os docentes a uma prática de ensino insuficiente para compreensão significativa do conhecimento. A transdisciplinaridade surge nesse contexto como uma forma de fazer uma abordagem científica que visa à unidade do conhecimento (SANTOS, 2008). Esse novo olhar da transdisciplinaridade traz ainda um desafio maior: o de transitar pela diversidade dos conhecimentos (biologia, antropologia, física, química, matemática, filosofia, economia, sociologia) (FAZENDA, 1991), o que requer espírito livre de preconceitos e de fronteiras científicas rígidas.

Na educação, a transdisciplinaridade maximiza a aprendizagem ao trabalhar com imagens e conceitos que mobilizam, conjuntamente, as dimensões mentais, emocionais e corporais, tecendo relações tanto horizontais como verticais do conhecimento. Ela cria situações de maior envolvimento dos alunos na construção de significados para si (SANTOS, 2008).

UFCG/BIBLIOTECA

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Tratou-se de um estudo transversal do tipo pesquisa-ação, pois foi uma estratégia que buscou a auto-reflexão pelos participantes de um grupo social. Além disso, promoveu condições para as ações e transformações de situações (PRODANOV; FREITAS, 2013). Segundo Brown e Dowling (2001, p.152), "pesquisa-ação é um termo que se aplica a projetos em que os práticos buscam transformar suas próprias práticas".

Quando se opta por trabalhar com pesquisa-ação, deve se ter a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da prática. Trata-se de uma pesquisa eminentemente pedagógica, que configura-se como uma ação científica da prática educativa, a partir de princípios éticos que consideram a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática (FRANCO, 2005). Nessa direção, Barbier (2007, p. 59) afirma que:

> A pesquisa-ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social.

UFCG/BIBLIOTECA

A pesquisa em questão faz parte de um projeto de extensão, intitulado *Repasto Literário* (RL). O projeto teve duração de um ano e meio e passou por boa parte das escolas municipais e estaduais de Cuité. Os dados obtidos nesse estudo são uma fração do RL.

4.2 CAMPO DE PESQUISA

O estudo foi realizado na zona urbana do município de Cuité/PB, em espaços formais de educação infantil, creches da rede municipal de ensino, que atendem crianças na faixa etária de 2 a 5 anos de idade. No município de Cuité/PB, atualmente, há três creches: Prof. Maria Marinete Fialho Furtado, Creche Maria

Cleoneide Ramos Sena e Creche Diomedes Lucas de Carvalho, todas participaram da pesquisa.

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram da pesquisa os escolares das turmas selecionadas, e seus devidos professores e/ou monitores. A coleta de dados aconteceu de forma completa, de modo que todos os envolvidos foram convidados a participar da pesquisa. A seleção das turmas aconteceu em pactuação com os diretores e professores, sendo estas distribuidas desde o maternal I ao II, com crinaças na faixa etária de 2 a 5 anos de idade.

A chamada nutricional de escolares matriculados na rede pública de ensino do município de Cuité/PB forneceu um diagnóstico prévio da situação, que serviu de base para esse estudo. Foi identificado através dos dados dessa pesquisa a presença de 3 a 5 sinais de alterações clínicas relacionadas às carências nutricionais em cerca de 20% das crianças que conviviam em famílias acima e abaixo da linha da pobreza. Entretanto, entre as crianças que apresentaram de 3 a 5 sinais carências e estavam inclusas em famílias abaixo da linha de pobreza, observou-se maior percentual de déficit de peso (19,5%) do que de excesso (15,6%). Para as crianças de famílias acima da linha da pobreza com as mesmas alterações clínicas, a prevalência de excesso de peso (20%) revelou-se expressivamente maior que a de baixo peso (8,9%), mostrando a presença de sinais de carências nutricionais parecidas, em crianças com características de peso opostas (SANTOS, et al. 2016). Esse estudo demonstrou a importância de trabalhar a PAAS com essas crianças.

Além dos problemas identificados, conforme sugere Pinto (2006), as ações pensadas para os participantes também visaram a compreensão ampliada do significado de saúde e alimentação saudável.

UFCG/BIBLIOTECA

4.4 QUESTÕES ÉTICAS

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de ética em pesquisa do Hospital Alcides Carneiro, da Universidade Federal de Campina Grande, de acordo com o parecer 1.305.508.

Os participantes concederam sua anuência via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) onde foram esclarecidos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades, conforme regulamenta a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

No caso dos menores essas etapas foram cumpridas por meio de seus representantes legais preservando o direito de informação destes, no limite de sua capacidade (ver Anexos A e B).

4.5 DESENHO DA PESQUISA

A pesquisa comportou quatro fases: Capacitação da equipe, elaboração dos projetos, desenvolvimento das intervenções e avaliação.

4.5.1 Capacitação da equipe

A equipe composta pelos membros do projeto Repasto Literário foi capacitada por meio de um curso de contação de histórias, ministrado por uma atriz, contadora de histórias, com duração de 30 h. Na oportunidade também foi produzido um material, contendo algumas histórias, que poderiam servir de pontos de partida para a elaboração dos planejamentos pedagógicos.

4.5.2 Elaboração dos projetos

Para a execução dos planejamentos em si houve pactuação com os professores com o fim de articular os conteúdos tratados na sala de aula com os temas relacionados à alimentação, tudo com base no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998).

O planejamento foi articulado segundo a pedagogia de projetos proposta por Pinto (2006) (Ver modelo em Anexo C). Segundo Pinto (2006), os conteúdos trabalhados em sala de aula devem ser tratados como meios de ampliação da formação dos sujeitos, das suas competências e não como fins em si mesmos. A

autora, embasada nos pressupostos da pedagogia de projetos, propõe uma divisão em três níveis: conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais que se relacionam com os quatro pilares do conhecimento da educação: "aprender a conhecer", "aprender a fazer", "aprender a conviver" e "aprender a ser". Os conteúdos conceituais se referem ao conhecimento sistematizado, fatos e fenômenos da ciência e do cotidiano, assim relacionando-se com o primeiro pilar: "aprender a conhecer". Procedimentais estão relacionados ao domínio dos instrumentos de trabalho e ao desenvolvimento de habilidades, "aprender a fazer". Favorecem a construção de instrumentos pelos aprendentes, de modo a apoiá-los na análise dos resultados de sua aprendizagem. Os atitudinais, por fim, referem-se ao modo de agir e posicionar-se frente às questões levantadas na prática, ou seja, aprender a conviver e a ser.

4.5.3 Desenvolvimento das intervenções e o apoio do projeto Repasto Literário

4.5.3.1 Intervenções

As intervenções de contação de histórias foram guiadas por um narrador capacitado ou em forma de peças teatrais, com apoio de outros membros também capacitados. O primeiro momento era destinado ao reconhecimento da turma seguido de uma dinâmica de quebra-gelo. A chave do processo se dava sempre na discussão quando finalmente era realizada a problematização do assunto a ser discutido pelo professor em sua interface com a alimentação, utilizando-se da técnica da contação de histórias. Após o momento de discussão eram feitas perguntas pontuais para se certificar que os alunos de fato entenderam o conteúdo transmitido durante a prática, nesse momento a equipe buscava também se certificar da validação da intervenção, fazendo perguntas como: "vocês gostariam que nós voltássemos?" "O que vocês acharam da história?". Por fim, acontecia o encerramento, onde mais uma vez era desenvolvida uma dinâmica de quebra-gelo e a avaliação da atividade pelos alunos e professores.

UFCG/BIBLIOTECA

4.5.3.2 O projeto Repasto literário

O RL visou realizar atividades de promoção da alimentação saudável pela via da contação de histórias. Em suas intervenções o projeto buscou contar histórias que falavam de alimentação, em qualquer disciplina em qualquer ano da educação básica, no município de Cuité, com o desafio de dialogar com o tema tratado em sala de aula. A ideia é fortalecer a teoria de que a EAN é um tema transdisciplinar e assim fomentar práticas constantes ao longo da formação da criança e adolescente. O projeto estava inserido no programa de extensão (PROEXT) do Centro de Educação e Saúde (CES) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG): *Penso: Cidadania, Alimentação E Ação Em Um Município De Pequeno Porte Do Semiárido Nordestino* e ofereceu suporte permanente a este trabalho.

4.5.4 Avaliação

Foram avaliados professores e alunos participantes das intervenções de EAN. Avaliar intervenções de promoção de saúde em escolas viabiliza um diagnóstico geral situacional dos sujeitos envolvidos, além da possibilidade de gerar novas pesquisas que possam vir a intervir na realidade desses sujeitos (STEWART-BROWN, 2001).

UFCG/BIBLIOTECA

4.6 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

4.6.1 Avaliação dos alunos

4.6.1.1 Coleta

Mauthner (1997) discute os desafios do desenvolvimento de avaliações junto a crianças e sugere uma combinação de atividades, tais como: desenho, escrita, leitura e classificação. Neste trabalho, portanto, realizou-se a avaliação utilizando-se de um instrumento que relacionou desenhos com classificação. O instrumento elaborado para este fim utilizou a escala hedônica adaptada aos fins das atividades desenvolvidas. A escala tende a responder ao seguinte comando: *mostre o rosto*

que mais representa o que você achou desta atividade. Os resultados foram divididos em cinco níveis: detestei, não gostei, indiferente, gostei e adorei (ver Apêndice A). A avaliação foi feita ao fim de cada sessão com apoio dos mediadores.

4.6.1.2 Análise dos dados

Após a coleta dos dados, os questionários foram digitados utilizando os recursos do programa Microsoft Access. Após a digitação, o banco de dados foi transferido para o Programa *SPSS for Windows* versão 13.0 para a realização da análise estatística dos dados.

4.6.2 Avaliação dos professores

4.6.2.1 Coleta

A avaliação foi realizada no decorrer das intervenções. O instrumento elaborado para este fim apresentou questões fechadas e abertas, conforme verifica-se, no Apêndice B.

UFCG/BIBLIOTECA

4.6.2.2 Análise

Os dados foram documentados e analisados da seguinte maneira: 1) dados relativos às questões fechadas: por frequência simples, via SPSS; 2) dados textuais, relativos às questões abertas: análise de conteúdo. Essa análise é caracterizada por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados (BARDIN, 1997).

Os dados desse estudo foram analisados comportando três fases: uma primeira sentença onde os textos ficaram iguais aos obtidos na pesquisa; outra na quais os textos foram parafraseados em sentenças mais sucintas; e, por fim, efetuou-se uma terceira redução em que as sentenças foram parafraseadas em palavras-chaves.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 DESCRIÇÃO DAS INTERVENÇÕES

5.1.1 Cronograma geral de intervenções

Ao todo foram nove intervenções de contação de história que aconteceram entre os meses de novembro de 2015 a junho 2016 e alcançaram todas as creches da cidade de Cuité/PB. As turmas foram distribuídas desde o maternal I ao maternal II. Segue abaixo o cronograma das intervenções:

Tabela 1 - Cronograma geral das intervenções

NÚMERO DA INTERVEÇÃO	DATA	TURMAS	CRECHES
01	23/11/2015	Maternal II	Creche Prof. Maria Marinete Fialho Furtado
02	30/11/2015	Maternal I	Creche Prof.ª Maria Marinete Fialho Furtado
03	14/03/2016	Maternal II	Creche Maria Cleoneide Ramos Sena
04	02/05/2016	Maternal I e II	Creche Diomedes Lucas de Carvalho
05	30/05/2016	Maternal II	Creche Maria Cleoneide Ramos Sena
06	31/05/2016	Maternal II	Creche Maria Cleoneide Ramos Sena
07	31/05/2016	Maternal II	Creche Maria Cleoneide Ramos Sena
08	01/06/2016	Maternal I	Creche Maria Cleoneide Ramos Sena
09	01/06/2016	Maternal II	Creche Maria Cleoneide Ramos Sena

Fonte: Dados da pesquisa.

UFCG/BIBLIOTECA

As datas das intervenções foram marcadas em pactuação entre a equipe do projeto e os diretores e professores dos centros de ensino, sempre levando em consideração as férias escolares e o recesso universitário.

5.1.2 Projetos pedagógicos desenvolvidos

Os projetos pedagógicos foram pensados e elaborados de acordo com as particularidades de cada grau de ensino, além disso, dados populacionais, dados

anteriores de pesquisas locais e elementos trazidos pelos professores também foram levados em consideração na hora de planejar as ações. No total foram três projetos, distribuídos em nove intervenções. As metodologias foram pensadas visando sempre à forma de contação que fosse mais propícia para determinado ciclo de ensino, conforme a pedagogia de projetos proposta por Pinto (2006). Abaixo segue uma tabela que resume os projetos pedagógicos desenvolvidos em cada intervenção:

Tabela 2 - Projetos pedagógicos desenvolvidos por intervenção

NÚMERO DA INTERVENÇÃO	TEMA	CONTEÚDOS CONCEITUAIS TRABALHADOS
01, 02	Um conto de Natal: O Pinheirinho	Tradições natalinas Comidas festivas Árvores frutíferas
03	Adivinhem o que comem	Alimentos *in natura* Especificidades alimentares Alimentos saudáveis
04-09	A História das Frutas	Alimentação saudável Alimentos *in natura* Comensalidade

Fonte: Dados da pesquisa.

Na intervenção 01 e 02 a história *Um conto de Natal: O Pinheirinho* foi narrada por duas pessoas com o auxílio de elementos lúdicos como: pinheiro de natal e algumas frutas. Já na intervenção 03 a história, *Adivinhem o que comem,* foi contada em uma roda com o auxílio de um livro interativo. A contação de *A história das frutas,* em todas as suas intervenções foi narrada em forma de peça teatral.

Todas as discussões foram realizadas com base nos conteúdos conceituais descritos na tabela 2. Na intervenção 01 e 02, por exemplo, usou-se como estratégia uma tradição muito comum no cotidiano infantil, que são as tradições natalinas, nesse caso os personagens da história foram usados como base para o começo da discussão, árvores que dão frutos e árvores que não costumam dar frutos, um dos principais conflitos que embalava a trama da história. Diante disso, pode-se perceber a percepção das crianças em relação ao tema e introduzir junto com elas informações bases sobre importância dessas árvores e seus frutos para uma boa alimentação. Essa discussão foi realizada com o auxílio de desenhos. Para

Goldberg, Yunes e Freitas (2005), os desenhos para crianças são uma oportunidade de comunicar-se, são uma forma delas poderem contar suas histórias. É uma linguagem própria das crianças assim como os gestos, a fala e a escrita são para os adultos. Assim sendo, os desenhos são um excelente instrumento para tentar entender o que se passa no universo infantil e para iniciar uma discussão.

Em *Adivinhem o que comem* o principal eixo da discussão ocorreu no momento em que a história estava sendo contada, diante dos desenhos presentes no livro interativo, nesse caso, as crianças tentavam adivinhar qual era o animal e o que ele comia, no fim uma pergunta importante deu inicio a discussão: " E vocês, o que comem?" Os alunos receberam desenhos com várias comidas e foram orientados a pintar aqueles que mais preferiam. A equipe da intervenção se reservou para conversar com cada um sobre o que eles estavam pintando e o porquê deles preferirem determinado alimento. Só assim, foi debatido junto com eles a importância de consumir alimentos *in natura* e o motivo deles serem mais saudáveis. De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira (2014, p. 28) "Alimentos *in natura*, são aqueles obtidos diretamente de plantas ou de animais, adquiridos para consumo sem que tenham sofrido qualquer alteração após deixarem a natureza." Esses, devem ser à base da alimentação de qualquer pessoa, pois proporcionam uma alimentação nutricionalmente adequada, saborosa e culturalmente apropriada, visando um sistema alimentar sustentável (BRASIL, 2014).

UFCG/Biblioteca/ECA

Nas intervenções 04 a 09 as discussões aconteceram de forma diferente, através de oficinas culinárias, nesses casos as crianças puderam sentir todas as características sensoriais dos alimentos, o cheiro, o sabor e a aparência, através de espetinhos de frutas feitos por elas mesmas com o auxílio da equipe. Dessa forma, puderam rever suas preferências alimentares contando não só com os alimentos oferecidos, mas com a maneira na qual eles foram apresentados e ofertados. Em estudo realizado por Oliveira et al. (2003), verificou-se que a disponibilidade, o acesso ao alimento, as práticas alimentares e o preparo do alimento, influenciam o consumo alimentar da criança. A população infantil é, do ponto de vista psicológico, socioeconômico e cultural, influenciada pelo ambiente onde vive, que, na maioria das vezes é constituído pelo ambiente familiar e/ou escolar. Dessa forma, as suas atitudes são, frequentemente, reflexos desses ambientes. Segundo Castro et al. (2007), as oficinas culinárias proporcionam o aprendizado de uma forma diferente de se alimentar, e ao mesmo tempo fornece condições para escolhas por alimentos que

beneficiem a saúde, e isso de uma forma menos mecânica e mais consciente do que no dia a dia. Ainda nessas intervenções foi discutido com as crianças a temática comensalidade, o ato de comer é um modo simples e profundo para se criar relações entre as pessoas. Seres humanos são seres sociáveis e o comer em companhia traz um prazer a mais na alimentação. Quando se tratando de criança, essas relações devem facilitar o entrosamento de grupos, aumentar o senso de pertencimento e contribuir para o bom desempenho nas tarefas escolares (BRASIL, 2014).

Fazer uma intervenção dessa natureza mudou um pouco a concepção da prática em Nutrição. Sair do teórico e contextualizar os assuntos de forma que penetrasse no cotidiano infantil, se mostrou como um grande desafio. Todas as discussões deveriam atingir dois eixos importantes, ser lúdica o bastante para chamar a atenção da criança e atingir o ponto principal da intervenção, que era abordar a temática da alimentação saudável. A cada creche, a cada turma, surgia uma nova surpresa, a exemplo de perguntas inesperadas ou até mesmo mudanças nos eixos centrais de discussão. Pensando nisso, o planejamento sempre foi feito de forma a pensar nos imprevistos que poderiam surgir durante a prática. Uma forma de fazer isso, por exemplo, era compreender o público alvo, suas singularidades e seus possíveis costumes, quando o assunto era alimentação. Pinto (2006, p. 79) reforça essa questão quando diz que "(Re) pensar as próprias ações, para permanentemente (re) definir o caminho a seguir, torna-se imprescindível dentro dessa necessidade de agir".

UFCG/BIBLIOTECA

5.1.3 Alcance das ações

Como verifica-se nas tabelas 1 e 2 Foram realizadas nove intervenções entre os anos de 2015 e 2016. O projeto alcançou 144 crianças, onde 114 foram avaliadas, e 9 nove professores e/ou monitores, sendo 7 avaliados.

5.2 AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

A avaliação dos alunos ocorreu no fim de cada sessão, sendo 114 crianças avaliadas. Segue abaixo a tabela com a frequência e o percentual de aceitação por parte dos alunos.

Tabela 3 - Nível de satisfação dos alunos

NÍVEL DE SATISFAÇÃO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL (%)
Não satisfeito **Detestei ou não gostei**	4	3
Indiferente	2	2
Satisfeito **Gostei ou adorei**	108	95
Total	114	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Na tabela 3, pode-se perceber o grau de satisfação dos alunos perante as atividades, mostrando que 95% mostraram-se satisfeitos e apenas 2% e 3% se mostraram indiferentes e não satisfeitos, respectivamente. A boa aceitação dos alunos fornece uma pista para a validação dessa estratégia como promotora de saúde.

Durante o desenvolvimento das atividades as crianças se mostraram atentas e participativas. Observou-se curiosidade, sobre os temas trabalhados, além de confiança e apego, por parte delas, com a equipe que conduzia as intervenções, quando questionadas se queriam que a equipe voltasse, todas elas diziam que sim. Cueva et al. (2006) relatam que a capacidade de contar histórias permite uma maior conexão com o outro, tanto afetivamente, como cognitivamente, além disso, o processo de contar e escutar histórias aumenta a aquisição e a compreensão do conhecimento, por essa razão essa estratégia também é considerada excelente para prevenção e promoção de saúde.

Angeli, Luvizaro e Galheigo (2012) buscam confirmar essa associação da contação de história e a promoção de saúde quando desenvolveram seu estudo sobre cotidiano lúdico e as redes relacionadas. Nele, a estratégia contação de história, se mostrou como um instrumento de produção de cuidados em terapia ocupacional no ambiente hospitalar, mostrando que as crianças com essa estratégia

ganharam liberdade para compartilhar com a equipe, seus processos de saúde-doença, apresentando ideias, maneiras de fazer junto, operando na (re)criação de si no enfrentamento de situações individuais e coletivas.

Outro estudo sobre a ação da enfermagem e a promoção de saúde mental, que também utilizou histórias infantis, mostrou mais uma vez a validação dessa estratégia como promotora de saúde. A contação de histórias foi capaz de proporcionar nas crianças o enfrentamento e elaboração dos seus processos psíquicos. Além disso, o empoderamento das crianças pela palavra, expondo e desmistificando os seus sentimentos, foi um reflexo positivo encontrado (BRAGA, 2011).

Brondani (2012) utilizou a contação de história como recurso para compreensão do processo saúde-doença e demonstrou que mediante a essa estratégia é possível conversar com as crianças sobre esse processo, levando-as a compreenderem tanto a doença, como a importância do tratamento. Percebeu-se, nesse caso, que a história infantil pode ser um dos recursos para auxiliar pais, demais cuidadores e profissionais da saúde a iniciar ou desencadear o processo de compreensão do significado de saúde.

UFCG/BIBLIOTECA

Em consonância com as discussões propostas anteriormente, na Educação Infantil a contação se apresenta como atividade essencial ao desenvolvimento da criança, principalmente no que tange ao papel da criança como ouvinte e apreciadora estética da literatura (SAMPAIO, 2016). As práticas de promoção de saúde nesse contexto são também práticas educativas. Para Pinto (2006) práticas educativas pautadas em planejamentos pedagógicos podem e devem ser uma realidade na atenção básica, norteando os profissionais envolvidos na construção de um pensamento crítico e proativo sobre as ações.

De acordo com Mainardes (2008, p. 6), professora e participante do Programa de Desenvolvimento Educacional, "inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade".

Pires (2011) em sua dissertação sobre a contribuição do ato de contar histórias na educação infantil percebeu que essa estratégia potencializa a imaginação das crianças, além de trabalhar a linguagem, a atenção, a memória, o

gosto pela leitura e outras habilidades, favorecendo o processo de construção do aprendizado e contribuindo para que no futuro os pequenos sejam leitores assíduos.

Outro estudo que também busca validar essa estratégia é o de Martins (2016) que buscou provar em sua dissertação que o recurso da contação de história é facilitador do desenvolvimento do juízo moral das crianças, constatando que a intervenção permitiu uma melhoria da capacidade dialógica e participativa do grupo. Além disso, foi possível verificar que as crianças participantes não apenas entenderam as histórias/dilemas, como conseguiram pensar sobre elas, ainda que de modo intuitivo. Provando que essa ideia facilita o aprendizado infantil, seja em qual for a abordagem, e redireciona a criança ao processo de maior liberdade na suas escolhas. Quando se tratando de alimentação, essa liberdade pode ser facilitadora do processo que conduz a criança a fazer escolhas saudáveis.

Essas questões ficaram evidentes no decorrer das práticas, em momentos de descontração e conversa com a equipe algumas crianças deixavam escapar a influência da história contada em suas escolhas alimentares, algumas até relatavam que iriam pedir aos seus pais para comprar fruta, afirmando que esse alimento era gostoso e saudável.

Acredita-se ainda, que a avaliação positiva dos alunos esteja pautada no atributo lúdico das atividades, além da boa execução das mesmas. Silveira, Ataíde e Freire (2009) relatam que os métodos lúdicos aguçam o fascínio e atenção das crianças, pois na maioria das vezes causam prazer e entretenimento, além de instruir aos que participam. Sendo assim, esse processo de devaneio tão complexo e de comunicação íntima também pode ser considerado oportuno para promoção da alimentação saudável e adequada, pois aproxima a criança do alimento, para o descobrimento de novos sabores e prazeres.

5.3 AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES

A avaliação dos professores ocorreu no decorrer das atividades, foram sete questionários com questões mistas abertas e fechadas. A tabela 4 mostra o nível de satisfação dos professores quando questionados sobre a qualidade da intervenção realizada e sobre a contribuição da intervenção como estratégia de PAAS.

Tabela 4 - Qualidade da interveção realizada e a contribuição da intervenção para a promoção da alimentação saudável e adequada.

Nível de satisfação	Qualidade da intervenção realizada	Percentual (%)	Contribuição da intervenção como estratégia de PAAS	Percentual (%)
Não satisfeito Muito Ruim	0	-	0	-
Ruim	0	-	0	-
Regular	0	-	0	-
Satisfeito Boa	4	57	1	14
Muito boa	3	44	6	86
TOTAL:	7	100	7	100

Fonte: Dados da pesquisa.

UFCG/BIBLIOTECA

Conforme se observa na tabela 4 as atividades tiveram boa aceitação por parte dos professores. Quando questionados sobre a qualidade das intervenções e sobre a contribuição da mesma para promoção da PAAS, todos se mostraram satisfeitos. Ainda quando interrogados se usariam essa estratégia na sala de aula todos os professores disseram que sim.

Além das questões fechadas, os professores tiveram a oportunidade de discorrer suas opiniões e sugestões a respeito das ações. Quando questionados sobre como o tema desta intervenção poderia contribuir para o desenvolvimento de seu trabalho junto aos seus alunos, os professores se mostraram confiantes na estratégia de contação de história, sobretudo pelo seu caráter **lúdico** (grifo nosso), afirmando que a prática facilita o aprendizado tanto dos assuntos curriculares como do tema alimentação saudável.

O incentivo a alimentação saudável despertou nos alunos e nos professores o interesse em aprender um pouco mais, não só sobre alimentação, mas também sobre a melhor formar de abordar esse assunto, a melhor forma de incluir o aluno em uma atividade lúdica, isso porque a arte de contar história é transdisciplinar, desperta saberes e interesses múltiplos transcende os limites da educação formal e traz o aluno e o professor para dentro do processo de desenvolvimento das atividades.

Para Wright, Diener e Kemp (2012), a contação de histórias proporcionam aos professores uma estratégia de ensino fácil de implementar, que ajuda na construção da comunidade escolar e se alinha aos padrões atuais de qualidade da educação infantil.

Os educadores foram ainda questionados sobre possíveis melhorias nas intervenções de contação de histórias, nesse quesito a maioria relataram o desejo que essa atividade fosse contínua, pois assim traria melhores resultados em relação à mudança dos hábitos alimentares de alguns alunos. Outros, ainda sugeriram que a equipe das intervenções poderia capacitá-los para que eles mesmos pudessem desenvolver essa estratégia em sala de aula. No entanto, alguns professores, disseram que as intervenções poderiam contar com mais participação dos alunos.

Sampaio (2016) destaca no seu estudo sobre leitura e contação de histórias realizado com professores da educação infantil, que muitas vezes é aparente a ausência de planejamento e organização das propostas de leitura, as ações na maioria das vezes são engessadas ao cumprimento de conteúdos curriculares, sem considerar a criança como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem, quando as atividades são feitas dessa forma a interação entre professor e aluno não é efetiva e dificulta o processo de aprendizado.

O Educador deve compreender a criança como sujeito de sua aprendizagem e desenvolver ações ativas que a impulsionem. Trabalhar com crianças requer que o desenvolvimento de atividades específicas, que vão além do ensino formal. Pela mediação, a atividade do professor consiste em: "[...] ensinar aos estudantes as habilidades de aprender por si mesmos, ou seja, a pensar." (LIBÂNEO, 2004, p. 122).

Germano (2017), ao analisar a percepção dos educadores infantis sobre alimentação saudável, percebeu que os professores reconhecem o relevo e a importância dessa prática em sala de aula. Além disso, a contação de história foi a metodologia mais utilizada por eles para falar sobre alimentação, isso porque essa prática possui caráter transdisciplinar, ou seja, comporta várias ciências em uma só atividade, e facilita a discussão e a aprendizagem de qualquer assunto.

Os professores analisados nesse estudo, também relataram já praticar a contação de história como prática pedagógica, mas nunca para promover a alimentação saudável, apesar disso, eles reconheceram, a partir das intervenções, a importância dessa prática como promotora de saúde. Goulart, Banduk e Taddei

UFCG/BIBLIOTECA

(2010) quando discutiram sobre o papel do Nutricionistas em creches revelaram uma dualidade vivida pelos educadores entre o cuidar e o educar, destacando a importância da instituição na formação de hábitos alimentares e discutindo a necessidade de aprofundamento nas questões ligadas à educação alimentar, no sentido de proporcionar à criança o conhecimento e a autonomia na escolha de alimentos.

As ações de contação de história na educação não se desvinculam das ações dessa estratégia na saúde, pelo contrário, a promoção de saúde dentro da sala de aula é de suma importância para a formação infantil. De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil, o cuidar de uma criança no âmbito educacional requer a integração de vários campos de conhecimento e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. Os procedimentos de cuidado precisam seguir os princípios de promoção à saúde. São necessárias atitudes que estejam baseadas não só nos conhecimentos específicos biológicos, mas levando sempre em consideração o emocional e o intelectual das crianças, nas suas diferentes realidades socioculturais (BRASIL, 1998).

O método de contação de histórias corrobora com os princípios de cuidado citados pelo o RCNEI, são as narrativas cujo os enredos são constituídos e direcionados as crianças que as aproximam das noções de tempo e espaço, emoções, personagens, e mudanças, que permitem que as mesmas possam aprender um pouco mais sobre si, e sobre o mundo que as rodeia. Como espaço transicional, a história conforta e auxilia no enfrentamento das emoções, além de possibilitar o aprendizado, seja ele no âmbito educacional ou na saúde (BRAGA, 2015).

O incentivo à alimentação saudável faz parte do processo de educar/cuidar. Medeiros (2010) diz que educar é um processo minucioso, onde a cordialidade do exemplo é peça chave para o verdadeiro aprendizado: ele passa a fazer parte da vida cotidiana integrando-nos, deste modo, os alunos são reflexos positivos ou negativos dos seus educadores, as atitudes tomadas em aula ultrapassam as paredes das escolas, e perpetuam para vida.

5.4 LIMITE DAS AÇÕES

Apesar dos ótimos resultados encontrados no decorrer das intervenções, houve limites na avaliação. O instrumento avaliativo, apesar de comportar uma metodologia simples, quando utilizado com crianças muito pequenas, a exemplo do maternal I, podia ser mal interpretado. Por isso, foi necessário um suporte constante dos mediadores da atividade com o fim de garantir uma boa comunicação.

Acredita-se que essa dificuldade na avaliação seja compreendida pela fase de desenvolvimento que se encontram as crianças desse estudo, entre os 2 e 5 anos de idade, aproximadamente, a criança adquire a linguagem e forma, de alguma maneira, um sistema de imagens. No entanto, a palavra não tem ainda, para ela, o valor de um conceito; ela evoca uma realidade particular ou seu correspondente imaginário, ou seja, tende a seguir seu próprio comando. O que pode ter dificultado a interpretação da mensagem real que elas queriam transmitir no momento da avaliação (CAVICCHIA, 2010). Observou-se que o instrumento confundiu o sentimento que a intervenção havia despertado na criança pelo desejo da mesma em pintar ou marcar determinada escala, apenas por afinidade pelo desenho.

UFCG/BIBLIOTECA

A equipe do projeto, que no começo das intervenções era composta apenas por duas pessoas, também sentiu dificuldade em realizar as ações como planejadas devido ao seu reduzido número. Embora todos fossem capacitados, o ofício do contador de histórias é mais complexo do que parece, é preciso ter agilidade para lidar com todas as situações e criatividade para passar por elas sem perder o tempo e o momento da história.

Na arte de uma boa contação é preciso exercício a longo prazo, que exige do contador preparo e domínio prévio, conhecimento, estudo, ensaio e disponibilidade. É preciso tempo para pensar nas ações. Para Sisto (2007), a arte de contar histórias é também a arte de fazer concessões: contar bons textos, contar tendo preparado, contar para ir além do que se conta. No mínimo exige, técnica e emoção. Técnica e repertório. Na ordem em que se preferir.

Trabalhar com a literatura é sempre um prazer, um fascíneo, mas não deixa de ser desafiador. O contador de histórias traz consigo a responsabilidade contar textos de outros autores como se fossem seus. Além disso, é de suma importância que a contação não seja apenas uma leitura compartilhada, mas uma vivência. Para isso acontecer, sentir-se e emocionar-se é imprescindível, não ouse contar uma

história que não encante. Caso isso aconteça, *houve apenas uma decodificação*. Essa foi a maior lição vivenciada por mim, autora desse texto, durante as seções de contação de história. "Nutricionistas contadores de história", soava estranho nos corredores da universidade, soava estranho para os tantos alunos que desenvolviam estudos experimentais em laboratório, um desafio em forma de promoção de saúde. O fato dos cursos de saúde não utilizarem tanto a ludicidade como metodologia prática pesava um pouco no desenvolvimento das atividades. Sabe-se que essa discussão que traz estratégias artísticas como promotora de saúde não cabem nas "grades curriculares" dos cursos, e quando estão, são apenas práticas isoladas ou ligadas a atividades de extensão.

Acredita-se que os métodos lúdicos possam fornecer uma pista nas discussões sobre saúde, pois facilitam a comunicação e proporcionam um melhor nível de envolvimento das crianças. Essa forma de comunicação da ciência desperta curiosidade e interesse, e traz leveza para iniciar qualquer tipo de discussão (SILVEIRA; ATAÍDE; FREIRE, 2009).

Uma boa contação de história é uma atividade que requer prática, ensaio, disponibilidade. Desenvolver essa atividade com excelência mostrou-se, durante todo o projeto, como um desafio. A cada turma a equipe se capacitava um pouco mais, se entregava mais. A sincronia era quase indescritível, as crianças transmitiam no olhar a energia de cada conto e, quase como mágica, era possível perceber quando a coisa fluía ou quando era necessário mudar o percurso.

Acredito que todos os membros envolvidos nessas práticas irão levar consigo, na formação de nutricionista, um conhecimento a mais, que vai além do *lattes*, além das paredes da universidade. As lições sobre literatura, nutrição, cuidar e educar, se compilam em uma só. Quase como um compilado de emoções, esse seria um misto de conhecimento e emoção.

UFC BIBLIOTECA

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ações e análises realizadas, pode-se perceber que o trabalho com contação de histórias, auxilia a construção de metodologias ativas no âmbito da Educação Alimentar e Nutricional. Esse instrumento se mostrou eficaz, pois além do seu caráter lúdico e envolvente, comportou um equilíbrio entre a busca pela promoção de saúde, especificamente alimentação saudável, e a prática educativa da leitura. Mostrando-se, assim, como metodologia válida para tornar os alunos mais proativos e criativos.

Os projetos pedagógicos desenvolvidos ajudaram a pensar nas atividades antes mesmo que elas acontecessem, a prever possíveis falhas e buscar melhores soluções para cada questão que surgia no decorrer das ações. A partir de uma prática bem planejada, pode-se executar com maturidade e destreza cada intervenção. O bom planejamento e a execução cuidadosa de cada atividade culminaram na boa aceitação dos alunos e dos professores, que se mostraram confiantes na pertinência pedagógica da estratégia e empolgados com a possibilidade de trabalhar em sala de aula a temática alimentação saudável.

A descoberta de novas estratégias para se trabalhar a questão da PAAS amplia as possibilidades de estudos em EAN, isso porque a necessidade de reecantar o mundo de hoje passa pela alimentação e por todos os aspectos que a rodeiam. A alimentação nunca foi só um processo mecânico, envolve fatores emocionais e sociais que não devem ser deixados de lado, pensar e testar uma estratégia que une todos esses fatores é um grande avanço no campo da EAN, além de favorecer novas perspectivas de estudos.

As metodologias ativas, no geral, já estão sendo vistas como as novas perspectivas de trabalho em Nutrição, neste contexto a conexão que une a ciência e a arte, obteve sucesso. O lúdico ganha cada vez mais espaço nas estratégias de promoção de saúde. Vê-se hoje, no cinema, teatro, oficinas culinárias e contação de histórias uma nova forma de trazer informações sobre saúde para a vida e cotidiano das pessoas.

A multiplicação de estudos que relacionem a efetividade da contação de história e como estratégia de PAAS junto a crianças, pode ser auxiliar na tomada de decisão sobre estratégias de efetivas para o fortalecimento da EAN no PNAE. Novos

estudos podem fornecer melhores respostas nessa associação que liga a arte, educação e saúde. Concluiu-se que há necessidade de se realizar um trabalho sistemático de formação com pedagogos e profissionais de saúde, para que compreendam a importância da efetivação de uma prática interligada e presente nos dois campos de atuação desses profissionais.

UFCG BIBLIOTECA

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. A. **Arte para quê?: A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídio para uma história social da arte no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

ANGELI, A. A. C.; LUVIZARO, N. A; GALHEIGO, S. M. O cotidiano, o lúdico e as redes relacionais: a artesania do cuidar em terapia ocupacional no hospital. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 40, p. 261-272, 2012.

AQUILLA, R. **A educação alimentar e nutricional no espaço escolar: saber, sabor e saúde**. 2011. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Injuí, 2011.

BANKS, J. Storytelling to access social context and advance health equity research. **Preventive Medicine,** v. 55, n. 5, p. 394-397, 2012.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. 3. ed.Brasília: Líber Livro, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo; Edições 70, 2011, 299 p.

BRAGA, G. C. et al. Promoção em saúde mental: a enfermagem criando e intervindo com histórias infantis. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 1, p. 121-128, 2011.

BRAGA, G. C. et al. Crianças e o conhecimento de si próprias a partir de histórias infantis. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 5, n. 2, p. 327-338, 2015.

BARTHES, R. **Aula.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BATISTA FILHO. M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. **Caderno de saúde pública**, v. 19, n. 1, p. 181-191, 2003.

BATISTA, P. R. et al. Educação nutricional nas escolas: um estudo de revisão sistêmica. **Revista Nutrire**, v. 36, n. 3, p. 109-129, 2011.

BECKER P.J. et al. Consensus statement of the academy of nutrition and dietetics/american society for parenteral and enteral nutrition: indicators recommended for the identification and documentation of pediatric malnutrition (undernutrition). **Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics**, v.1, n. 14, p. 198-200, 2014.

BEDRAN, B. M. **Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais: A arte de cantar e contar histórias**. 2010. 129f. Tese (Doutorado em Arte) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e comunicação Social, Niterói, 2010.

BERNARDINELLI, L.L; DE CARVALHO, V. M. G. A importância da literatura infantil. **Universitári@**, v.2, n.5, p. 455-460, 2011.

BISCEGLI, T. S. et al. Nutritional status and prevalence of iron deficiency in children enrolled in a day care center. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 3, n. 9, p. 24-32, 2006.

BOCCALETTO, E. M.; MENDES, R. T. **Alimentação, atividade física e qualidade de vida dos escolares do município de Vinhedo/SP**. Campinas: Ipês, 2009.

BOOG, M. C.F. **Educação em Nutrição**. Campinas, SP: Komedi, 2013.

BOSI, E. **Memória e Sociedade – Lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Resolução/CD/FNDE nº 38 de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). **Diário Oficial da União**, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/L8OeT5>. Acesso em: 19 set 2016.

_____. Ministério da Educação. **Manual de orientações para educação escolar na Educação Infantil, Ensono Fundamental, Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos**. 2. ed. Brasília: MEC, 2012a. 48 p. Disponível em: <https://goo.gl/CuC2Gd>. Acesso em: 19 set 2016.

UFC BIBLIOTECA

_____. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília: Ministério da saúde (MS), 2014.

_____. Ministério da Saúde. **II Fórum de Educação Alimentar e Nutricional**. Brasília: Ministério da Saúde (MS); 2006. Disponível em: <http://nutricao.saude.gov.br/ii_ forum_edu_an.php>. Acesso em: 19 set. 2016.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social. **Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas.** Brasília: MDS, 2012b. Disponível em: <http://bit.ly/1T0qpvd>. Acesso em 20 set 2016

BROWN, A.; DOWLING, P. **Doing research/reading research**: a Doing research/reading research mode of interrogation for teaching. 2. Ed. Ed.Londres: Routledge Falmer, 2001.

BRONDANI, J. P. **A história infantil como recurso para a compreensão do processo saúde-doença pela criança com HIV.** 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de pós-graduação em enfermagem, Porto Alegre, 2012.

BHUTIA, D. T. et al. Protein energy malnutrition in India: the plight of our under five children. **Journal of family medicine and primary care**, v. 3, n. 1, p. 63-67, 2014.

CASTRO, I. R. R. et al. A culinária na promoção da alimentação saudável: delineamento e experimentação de método educativo dirigido a adolescentes e a profissionais das redes de saúde e de educação. **Revista de nutrição**, v. 20, n. 6, p. 571-588, 2007.

CAVICCHIA, D. C. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. Psicologia do Desenvolvimento. **UNIVESP**, p. 1-15, 2010.

CERVATO-MANCUSO, A.M.; DIEZ-GARCIA, R.W. **Mudanças alimentares e educação nutricional.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

COELHO, B. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2006.

COSTA, M. G. F. A. et al. Conhecimento dos pais sobre alimentação: construção e validação de um questionário de alimentação infantil. **Revista de Enfermagem**, v. 15, n. 6, p. 39-49, 2012.

UFCG/BIBLIOTECA

CUEVA, M. et al. Promoting Culturally Respectful Cancer Education Through Digital Storytelling. **International Journal of Saúde Indígena**, v. 11, n. 1, p. 34-49, 2016.

CZERESNIA, D; FREITAS, C. M. **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Friocruz, 2009.

DAVANÇO, G. M; TADDEI, J. A. A. C; GAGLIALONE, C. P. Conhecimentos, atitudes e práticas dos professores de ciclo básico, expostos e não expostos a curso de educação nutricional. **Revista de Nutrição**, v . 17, n. 2, p. 177-184, 2004.

DIETZ, W. H; GORTMAKER S. L. Preventing obesity in children and adolescents. **Annual Review of Public Health**, v. 22, n. 4, p. 337-353, 2001.

FASANELLO, M. T; DE SOUSA PORTO, M. F. arte de contar histórias, integrada a outras linguagens de arte: uma prática pedagógica na educação básica. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 123-131, 2016.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 3. ed. Austin: Edições Loyola, 1991.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, C. G.; SANTOS, M. V. D.; VASCONCELOS, F. D. A. G. D. Avaliação de um programa para promoção de hábitos alimentares saudáveis em escolares de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Revista brasileira de saúde materno infantil**, v. 8, n. 3, p. 299-308, 2008.

GERMANO, H. S. Percepção dos educadores infantis sobre alimentação saudável: um estudo de caso em escolas de educação infantil em Picuí, Paraíba. In: JACOB, M. M.**Comer bem, viver bem: arte, cultura e educação**. Natal, RN: Aliá editora, 2017. 208-222 p.

GOMES, O. E.; SANTOS, L. R.; BARBOSA, S. E. A arte de contar histórias: uma estratégia para humanização na saúde. **Interfaces da saúde**, v. 1, n. 1, p. 30-38, 2014.

GONÇALVES, F. D. et al. A promoção da saúde na educação infantil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 24, p. 181-192, 2008.

GOULART, R. M. M.; BANDUK, M. L. S.; TADDEI, J. A. A. C. Uma revisão das ações de nutrição e do papel do nutricionista em creches. **Revista de Nutrição**. V, 23, n. 4, p. 655-665, 2010.

GOLDBERG, L. G; YUNES, M. A. M; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em estudo**, v. 10, n. 1, p. 97-106, 2005.

HARTMANN, L. "Arte" e a "ciência" de contar histórias: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática. **MORINGA-Artes do Espetáculo**, v. 5, n. 2, p. 33-48, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009. Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil: análise dos resultados**. Brasília: IBGE, 2010.

_____. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003: análise da disponibilidade domiciliar de alimentos e do estado nutricional no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

HORN, M. G. S. **Sabores, aromas, cores e formas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed editora, 2009.

LAURENTINO, G. E. C; ARRUDA, I. K. G.; ARRUDA, B. K. G. Nanismo nutricional em escolares no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 3, n. 3, p. 77-85, 2003.

LANES, D. V. C. et al. Estratégias Lúdicas para a construção de hábitos alimentares saudáveis na educação infantil. **Revista Ciências & Ideias**, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2012.

LEÃO, A. L. M.; SANTOS, L. C. Consumo de micronutrientes e excesso de peso: existe relação? **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 15, n. 1, p. 85-95, 2012.

LIBÂNEO, J. C. A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade. **Educar em Revista**, v. 1, n. 24, p. 113-147, 2004.

MAIA, E. R. et al. Validação de metodologias ativas de ensino-aprendizagem na promoção da saúde alimentar infantil. **Revista de nutrição**, v. 25, n. 1, p. 79-88, 2012.

MAINARDES, R. C. M. A arte de contar histórias: Uma estratégia para a formação de leitores. **Dia-a-dia Educação–Portal Educacional do Estado do Paraná**, v. 1, n. 1, p. 338- 358, 2008.

MANFERRARI, M. Histórias são naus que cruzam fronteiras. **Revista Pro-Posições**, v. 22, n. 2, p. 51-65, 2011.

MARTINS, D. P. **Contação de histórias como recurso facilitador do desenvolvimento do juízo moral de crianças da educação infantil**. 2016. 104f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2016.

MATTA, J. S. **Manual de atividades de educação nutricional para pré- escolares em creches**.2008. 73f. Monografia (Especialização em Nutrição Materno-Infantil) – Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MAUTHNER, M. Methodological aspects of collecting data from children: lessons from three research projects. **Children & Society,** v. 11, n. 1, p. 16-28, 1997.

MEDEIROS, M. Como você aprendeu a cozinhar? Reflexões sobre a transmissão intergeracional do conhecimento culinário entre mulheres. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 4., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2010. 1 CD-ROM.

MEHTA, N. M. et al. Defining pediatric malnutrition: a paradigm shift towards etiology-related definitions. **Journal of Parenteral and Enteral Nutrition**, v. 3, n. 7, p. 37-46, 2013.

MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência e saúde coletiva**, v. 13, n. 2, p. 2133-2144, 2008.

OLIVEIRA, A. M. A. et al. Sobrepeso e obesidade infantil: influência de fatores biológicos e ambientais em Feira de Santana, BA. **Arquivos brasileiros endocrinologia metabolismo**, v. 47, n. 2, p. 144-150, 2003.

PEREIRA, M. N; SARMENTO, C. T. M. Oficina de culinária: uma ferramenta da educação nutricional aplicada na escola. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 10, n. 2, p. 87-94, 2012.

PIRES, O. S. **Contribuições do ato de contar histórias na Educação Infantil para a formação do futuro leitor**. 2011. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

PINTO, V. L. X. A importância da utilização da pedagogia de projetos em educação nutricional na atenção básica: a reflexividade como ideia e como ação. In: GUEDES, A. E. L. (Org.). **As ações de nutrição na atenção básica à saúde: reflexões, desafios e perspectivas.** Natal, RN: Editora da UFRN, 2006. 79-105 p.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora Feevale, v. 2, 2013. 277 p.

PULGARON, E. R. Childhood obesity: a review of increased risk for physical and psychological comorbidities. **Clinical therapeutics**, v. 35, n. 1, p. 18-32, 2013.

RABITTI, G. **À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia**. Artes médicas, 1999.

ROTENBERG, S.; VARGAS, S. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. **Revista brasileira saúde materno infantil**, v. 4, n. 1, p. 85-94, 2004.

SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 71-83, 2008.

SANTOS, J. L. B. et al. Estado nutricional, sinais clínicos de carências nutricionais e vulnerabilidade social entre crianças do semiárido paraibano. **Demetra: Alimentação, Nutrição e saúde**, v.11, n.4, p.1031-1048, 2016.

SAMPAIO, M. **Leitura e contação de histórias na Educação Infantil: um estudo sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural.** 2016. 154f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Brasileira) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília/SP.2016.

SILVA S. L. A. O fazer educação alimentar e nutricional: algumas contribuições para reflexão. **Ciência e saúde coletiva**, v. 15, n. 2, p. 453-462, 2012.

SILVA, C. S. et al. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. **Revista Nau Literária**, v. 9, n. 2, p. 50-63, 2013.

SILVEIRA, A. F; ATAÍDE, A. R. P; FREIRE, M. L. F. Atividades lúdicas no ensino de ciências: uma adaptação metodológica através do teatro para comunicar a ciência a todos. **Revista Educar**, v.1, n. 34, p. 251-262, 2009.

SISTO, C. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, F. H. N; MORAES, T. M. R (orgs.). **Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem.** Joinville, SC: Univille, 2007. 39-4 p.

SOUZA, L. O.; BERNARDINO, A. D. A contação de história como estratégia na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et educare**, v. 6, n. 12, p. 235-249 2011.

SOUZA, I. V. Programa socioeducativo: "Oficina de contação de história e construção de brinquedos usando sucata". In: CRONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. Não paginado.

STEWART-BROWN, S. **Evaluatin health promotion in schools:** reflections, 2001.

TURPIN, M. E. A alimentação escolar como fator de desenvolvimento local por meio do apoio aos agricultores familiares. **Revista Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 16, n. 2, p. 20-42, 2009.

VASQUES, C. M. **Fazendo arte na literatura: um panorama lúdico e estético da literatura infantil e juvenil brasileira**. 2011. 337f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Arquivos de perguntas e respostas 2006**. Genebra: WHO, 2006. Disponível em: <http://www.who.int/features/qa/49/en/>. Acesso em: 16 set 2016.

UFC BIBLIOTECA

_____. **Evaluation in health promotion: principles and perspectives**. Canada: WHO, 2001. Disponível em: < http://www.euro.who.int/f>. Acesso em 11 ago. 2016.

_____.**Global status report on noncommunicable diseases 2014.** Genebra: WHO, 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1EhxrAS>. Acesso em: 11 ago. 2016.

_____. **Nutrition-Friendly Schools Initiative (NFSI) 2010**. Genebra: WHO, 2010. Disponível em: <http://www.who.int/nutrition/topics/nut_school_aged/en/index.html >. Acesso em: 16 set. 2016.

_____.. **Programas e Projetos: Obesidade e Sobrepeso 2011**. Genebra: WHO, 2011. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs311/en/>. Acesso em: 16 set 2016.

_____. **WHO child growth standards: methods and development: length/height-for-age, weight-for-age, weight-for-length, weight-for-height and body mass index-for-age**. Geneva: WHO, 2006. Disponível em: <http://www.who.int/childgrowth/standards/technical_report/en/>. Acesso em: 16 set. 2016.

_____.**World health statistics 2015**. Genebra: WHO, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/1bPJZpV>. Acesso em: 11 ago. 2016.

WRIGHT, C.; DIENER, M. L.; KEMP, J. L. Storytelling Dramas as a Community uilding Activity in an Early Childhood Classroom. **Early Childhood Education Jornal – Springer**, v. 4, n. 1, p. 197-210, 2012.

UFC BIBLIOTECA

APÊNDICES

UFC BCA

APÊNDICE A - Avaliação das intervenções pelos alunos.

INSTRUMENTO AVALIATIVO

REPASTO

Preenchimento da equipe

Data: ___/___/_____

Tema da atividade: _____

Número do questionário: _____

Preenchimento da criança

Nome: _____

Marque o rosto que mais representa o que você achou dessa atividade

APÊNDICE B - INSTRUMENTO AVALIATIVO – PROFESSORES.

REPASTO LITERÁRIO

Data: ___/___ /_____

Professor:_____

Tema da intervenção: _____

Escola/Disciplina/Ano de ensino:_____

_____

Observação: Caso necessário, use o verso para complementar as respostas.

A. Como você avalia a qualidade da intervenção realizada?

(1) Muito ruim

(2) Ruim

(3) Regular

(4) Boa

(5) Muito boa

Justifique:_____

_____

_____

B. Como você avalia a contribuição desta intervenção como estratégia de promoção da alimentação adequada e saudável ?

(1) Muito ruim

(2) Ruim

(3) Regular

(4) Boa

(5) Muito boa

Justifique:_____

_____

_____

C. Você faria uso dessa estratégia de promoção da alimentação adequada e saudável em suas aulas?

(1) Sim
(2) Não
(3) Talvez

Justifique:_____

_____

_____

UFC

D. Produza uma avaliação sintética sobre como o tema desta intervenção poderia contribuir para o desenvolvimento de seu trabalho junto aos seus alunos.

_____

_____

E. Sugira melhorias para o aprimoramento das intervenções do Repasto Literário.

_____

_____

Obrigada por colaborar!

ANEXOS

UFC

ANEXO A – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE aplicados com os maiores de idade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Estamos solicitando a você uma autorização para que participe da pesquisa: ***Mapa da alimentação da literatura brasileira:*** *perspectiva para a promoção da alimentação adequada e saudável no Ensino Fundamental e Médio*, que tem como pesquisador responsável o(a) Prof. (a) Dr. (a): Michelle Cristine Medeiros da Silva.

A pesquisa pretende analisar a viabilidade da utilização de textos literários e mapas temáticos no apoio à avaliação de Práticas de Educação Alimentar e Nutricional com crianças e adolescentes. O motivo que nos leva a fazer este estudo é acreditar que tais estratégias de Promoção da alimentação saudável nas escolas são ferramenta de grande eficácia, visto que o sucesso das ações de promoção da saúde depende de uma intervenção educativa eficaz. A atividade proposta além de inovadora irá contribuir para processo de implementação de ações de Promoção da alimentação saudável nesse contexto e para aportar uma relevante contribuição em educação e popularização da ciência.

A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso você decida participar você participará de entrevistas semi estruturadas, através de perguntas-guias, com a utilização de gravações de áudio e vídeo, além de fotografias necessárias na realização da pesquisa. A previsão de riscos é mínima está relacionada a algum constrangimento que venha a sentir ao responder as questões do entrevistador, que se relacionarão diretamente com a avaliação da cartilha a ser analisada.

Essa pesquisa cumpre as exigências contidas nos itens IV. 3 e IV. 4 da Resolução nº 466/12 – CONEP. Todas as informações obtidas serão sigilosas e o nome do seu filho(a) não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados em eventos científicos

poderá conter fotos do momento da atividade realizada em sala de aula com os voluntários envolvidos.

Você ficará com uma via deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Michelle Cristine Medeiros da Silva, endereço Rua Dom José Tomaz, 1126, apt 2003, Tirol, Natal/RN, pelo telefone (84) 8742-3086 ou e-mail: medeiros.michelle@hotmail.com

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58.107-670, Campina Grande/PB.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa: ***Mapa da alimentação da literatura brasileira:*** *perspectiva para a promoção da alimentação adequada e saudável no Ensino Fundamental* e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas.

Cuité (PB), ____/_____/_____

Participante da pesquisa

Nome:

_____

Assinatura:

_____ *Impressão datiloscópica do participante*

Pesquisador responsável

Nome:

_____

Assinatura:

_____

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58.107-670, Campina Grande/PB, telefone: (83) 2101 5545

UFC... TECA

ANEXO B – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE aplicados com os menores de idade.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Estamos solicitando a você uma autorização para que o menor pelo qual é responsável, participe da pesquisa: *Mapa da alimentação da literatura brasileira: perspectiva para a promoção da alimentação adequada e saudável no Ensino Fundamental e Médio*, que tem como pesquisador responsável o(a) Prof. (a) Dr. (a): Michelle Cristine Medeiros da Silva.

A pesquisa pretende analisar a viabilidade da utilização de textos literários e mapas temáticos no apoio à avaliação de Práticas de Educação Alimentar e Nutricional com crianças e adolescentes. O motivo que nos leva a fazer este estudo é acreditar que tais estratégias de Promoção da alimentação saudável nas escolas são ferramenta de grande eficácia, visto que o sucesso das ações de promoção da saúde depende de uma intervenção educativa eficaz. A atividade proposta além de inovadora irá contribuir para processo de implementação de ações de Promoção da alimentação saudável nesse contexto e para aportar uma relevante contribuição em educação e popularização da ciência.

A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Caso você decida autorizar seu (a) filho (a) a participar, deverá leva-lo normalmente a escola para que junto com as outras crianças vivencie uma atividade pedagógica de avaliação de um material didático relacionado à alimentação saudável. Ele (a) será submetido (a) a conversar com o entrevistador e contar como foi a atividades. A previsão de riscos é mínima está relacionada a algum constrangimento que venha a sentir ao responder as questões do entrevistador, que se relacionarão diretamente com a avaliação da cartilha a ser analisada.

Essa pesquisa cumpre as exigências contidas nos itens IV. 3 e IV. 4 da Resolução nº 466/12 – CONEP. Todas as informações obtidas serão sigilosas e o nome do seu filho(a) não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados em eventos científicos poderá conter fotos do momento da atividade realizada em sala de aula com os voluntários envolvidos.

Você ficará com uma via deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Michelle Cristine Medeiros da Silva, endereço Rua Dom José Tomaz, 1126, apt 2003, Tirol, Natal/RN, pelo telefone (84) 8742-3086 ou e-mail: medeiros.michelle@hotmail.com

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC, Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58.107-670, Campina Grande/PB.

UFCG BIBLIOTECA

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa: ***Mapa da alimentação da literatura brasileira:*** *perspectiva para a promoção da alimentação adequada e saudável no Ensino Fundamental e Médio* e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas.

Cuité (PB), ____/_____/_____

Participante da pesquisa

Nome:

_____

Assinatura:

_____ *Impressão datiloscópica do participante*

Pesquisador responsável

Nome:

_____

Assinatura:

_____

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC Universidade Federal de Campina Grande, Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58.107-670, Campina Grande/PB, telefone: (83) 2101 5545

ANEXO C - Planejamento pedagógico – Modelo.

Universidade Federal
de Campina Grande

PLANEJAMENTO

Planejamento do Repasto literário- intervenção 16		
PARTICIPANTES:	**Série:**	**Data:**
	Escola:	

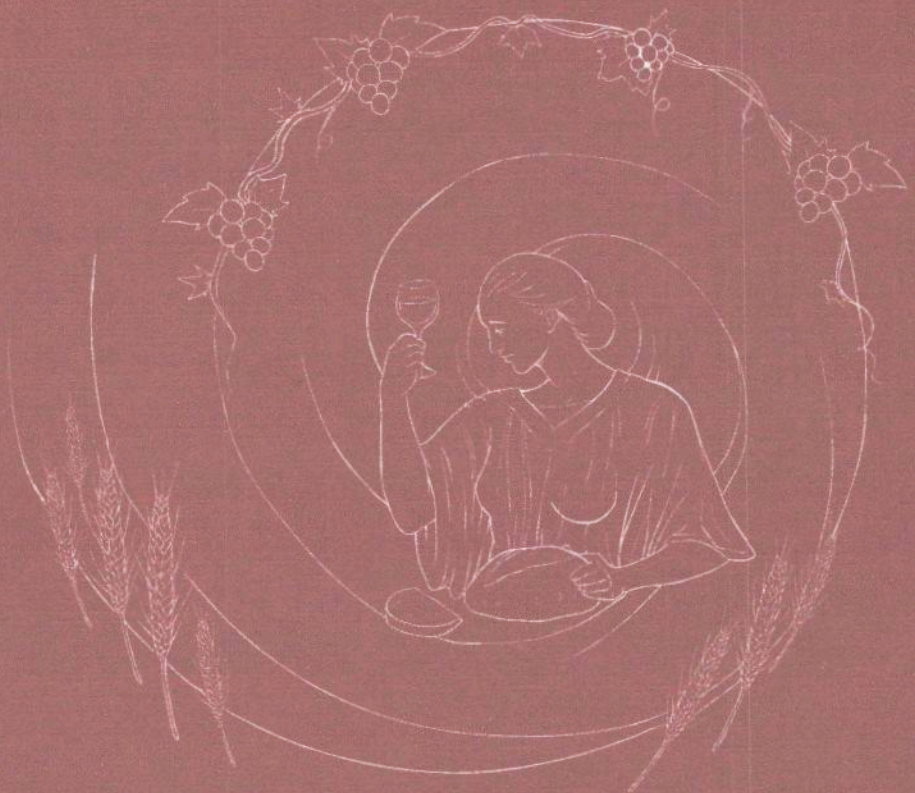
RESUMO:
REFERÊNCIA CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL:
JUSTIFICATIVA:

UFCG BIBLIOTECA

OBJETIVO GERAL:
OBEJETIVOS ESPECÍFICOS:
CONTEÚDOS CONCEITUAIS:
CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS:
CONTEÚDOS ATITUDINAIS:
METODOLOGIA:
RECURSOS:

Repasto Literário

Promoção da alimentação saudável e contação de histórias



Organização
Michelle Medeiros
Vanille Pessoa

Aliá Editora

Repasto Literário

Promoção da alimentação saudável e contação de histórias

UFC BIBLIOTECA

Organização
Michelle Medeiros
Vanille Pessoa

Aliá Editora
2015

Organização
Michelle Medeiros
Vanille Pessoa

Projeto gráfico e Ilustração
Caio Xavier

Realização

GULA

NÚCLEO PENSO

PROEXT

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Ficha catalográfica feita pelo autor

Repasto literário: promoção da alimentação saudável e contação de histórias / Michelle Medeiros, Vanille Pessoa organizadoras. - Natal, RN: Aliá, 2015.

54p. : il.

ISBN 978-85-5741-000-8

1. Alimentação saudável. 2. Contação de histórias. I. Medeiros, Michelle. II. Pessoa, Vanille. III. Título.

CDD-B869.8

Sumário

Prefácio
Ana Carolina 04

Contando a história deste livro
Michelle Medeiros e Vanille Pessoa 06

Seção I - A mitologia dos alimentos
A lenda da mandioca 10
História do milho 14
A lenda do açaí 20

Seção II - O caldeirão da cultura
O roubo do fogo 27
Perséfone e as estações 32

Seção III - A partilha e o sabor
Um jantar para o poeta 38
Comer para crescer 43
A história das frutas 48

Posfácio
Poliana Palmeira 53

UFC BIBLIOTECA

Prefácio

Durante uma semana do mês de setembro de 2015, na Universidade Federal de Campina Grande – Campos Cuité, mergulhamos num encontro precioso. Para muitos, o primeiro contato com o teatro e com a contação de histórias. O desafio era estimulá-los a ouvir as histórias que habitam cada um deles e pô-las em movimento, colocá-las no mundo. Escancarar-se, desinibir-se e não ter medo do ridículo eram as premissas para o encontro. Mais adiante descobriríamos que contar histórias é ouvi-las e processá-las no interior de nós mesmos e que antes de afetar o outro, é necessário que nos afetemos com a história que iremos contar. O afeto é indispensável para que o diálogo contador-ouvinte se estabeleça. Somente ele é capaz de aumentar a capacidade e a potência de agir do ouvinte/espectador. O afeto é a garantia do bom encontro, como nos diz o filósofo Baruch Spinoza, um bom encontro é regado por paixões alegres. Mas como construir uma contação em que opere o afeto e bom encontro? Suspeito que três elementos sejam indispensáveis para isso: a cara boa e o brilho no olho, a escuta atenta e a inteireza do corpo e da voz. É preciso querer, com cada parte do corpo, estar ali diante de alguém que nos ouve e observa. É preciso encontrar a urgência no que se narra, é ela que impulsionará cada gesto e palavra. Somente a urgência legítima o contar do narrador. Se ela não existe, o

UFCG BIBLIOTECA

contador permanece emudecido. E por fim, é preciso divertir-se enquanto se conta histórias. O ouvinte/espectador é muito atento e se ele percebe o desinteresse do contador ele não se afetará com a história contada. Esse livro, pois, é fruto desse encontro precioso.

Repasto Literário: promoção da alimentação saudável e contação de histórias foi construído a partir do desafio de desenvolver histórias que estimulassem a alimentação saudável entre crianças. Para tanto, resgatamos mitos de formação de alguns alimentos, como o milho e a mandioca, bem como histórias sobre práticas alimentares e sobre a importância de determinadas comidas. Buscamos no interior de nós mesmos, na cultura popular e nos livros histórias que nos ajudassem nessa construção, resgatamos e parodiamos músicas de domínio popular para contar de forma mais lúdica essas narrativas. Nesse livro, compartilhamo-nas com vocês. Através de cada história, buscamos alargar os corações e os ouvidos, abrir as portas do imaginário. Propomos um mergulho no universo da contação, da infância, do sonho e dos desejos mais doces. Sendo cada um de nós uma biblioteca, abrimos parte de nosso acervo pessoal e compartilhamos com vocês. Convidamos a todos a ouvir, ler e espalhar essas histórias pelos quatro cantos do mundo. Depois que se ouve uma história, aumenta-se uma responsabilidade: agora, ela habita você e, se a história dialogar com a sua pele, seus órgãos e sua imaginação, é preciso contá-la e fazê-la habitar outros mundos.

ANA CAROLINA MARINHO
Contadora de histórias, atriz, produtora
e membro fundadora do Coletivo Estopô Balaio

Contando a história desse livro...

Era uma vez um trio de professoras que trabalhava em um lindo campus de expansão, lá no Curimataú paraibano, e que tinham o desejo de fazer com que seus projetos virassem sonhos. Sonhavam acordadas, dormindo, sonhavam sempre. Na verdade, tinham uma porção de sonhos extraviados.

Em 2014, elas, membros do Núcleo PENSO (Núcleo de Pesquisas e Estudos em Nutrição e Saúde Coletiva), seu espaço onírico, aprovaram um projeto no PROEXT 2015 intitulado Penso: Cidadania, Alimentação e Ação em um município de pequeno porte do Semiárido Nordestino. Um de seus sonhos se realizava: nascia o Repasto literário, um sonho para se sonhar junto com muitos em meio a sessões de contação de histórias itinerante, nas zonas rural e urbana, na cidade de Cuité/PB.

"Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade", versou o também poeta Raul Seixas. Esse sonho virou realidade. Já não eram mais três, eram quase vinte, por vezes, centenas.Tinham uma equipe, a princípio, constituída basicamente por sujeitos da ciência da Nutrição, mas gulosa do tema literário[1].

1 No mesmo campus funciona o Grupo universalidade, literatura e alimentação, o GULA, uma porção do Núcleo Penso, que nasceu no ano de 2014 com o interesse de pensar a porção

Outros seres sonhantes, juntaram-se a nós. Um deles foi a contadora de histórias Ana Carolina Marinho, que nos deu as chaves para entrar na casa da palavra. Este universo, que engloba a literatura e sua relação com a alimentação, foi temado curso de contação de história ministrado por ela em nosso campus, em setembro de 2015.

Se reta é uma curva que não sonha, como brinca Manoel de Barros, o trabalho de Ana Carolina foi um trabalho de angulações: às vezes sofridas, por hora duríssimas, mas quase sempre deliciosas. O curso durou uma semana, mas as sementes plantadas neste curto espaço de tempo gritaram para florescer, se expandir e polinizar outras curvas, outros pensamentos angulados ou, ainda, circulares, como a mitologia. Foi assim que as várias histórias criadas e adaptadas durante aquela semana se transformaram neste livro que temos o maior prazer de compartilhar agora.

As histórias construídas foram divididas em três seções - Seção I - A mitologia dos alimentos,Seção II - O caldeirão da cultura e Seção III - A partilha e o sabor – que anseiam contribuir com atividades de Educação Alimentar e Nutricional em diversos espaços, principalmente no ambiente escolar. Todas as histórias trazem, em suas linhas, cantigas de fácil execução que tornam a contação ainda mais cativante e envolvente.

UFC BIBLIOTECA

---

cultural e social da alimentação humana pela via da literatura, compreendendo-a como objeto de conhecimento. O prazer da comida e o prazer do texto, como sugere Roland Barthes, podem ser reunidos para produzir um novo prisma para se enxergar a Nutrição. Pensamos na produção de uma Nutrição Indócil: ciência para humanos movidos por desejos, privações e outros fatores que excedem o pragmatismo que sustenta os diagnósticos convencionais. Uma Nutrição que seja nômade, no sentido de Gilles Deleuze, ao questionar seus pressupostos.

Compartilhamos histórias, que estão no cerne de nossa formação alimentar, por acreditarmos que reencantar a alimentação é um dos sonhos da Nutrição hoje, de uma Nutrição que entende que comer é política de vida. Compartilhamos melodias, sugestões de roteiro e, ainda, nas seções *Quem conta um conto...* compartilhamos nossas ideias sobre alimentação, educação, enfim, tudo que enxergamos nestas histórias. No final, o que tentamos fazer é compartilhar o nosso sonho, para que juntos, ele possa ser realidade também em nosso país.

Entendemos como Roland Barthes, que o edifício literário, como arte e, por consequência, como expressão da cultura humana, comporta saberes de natureza múltipla, é transdisciplinar por excelência. Desta forma, o ato de ler, e ler histórias que tratem da alimentação, estimula a leitura como ato cultural e social, aborda um tema que transversaliza a formação do humano e cria uma via de diálogo onde vislumbra-se uma nova forma de se fazer Nutrição, ou simplesmente de se falar sobre alimentos e suas nuances, matéria e sonho. Uma poética dos alimentos deve atentar não apenas às matérias que alimentam o corpo, mas também a alma: essa é mensagem que nos deixa Gaston Bachelard.

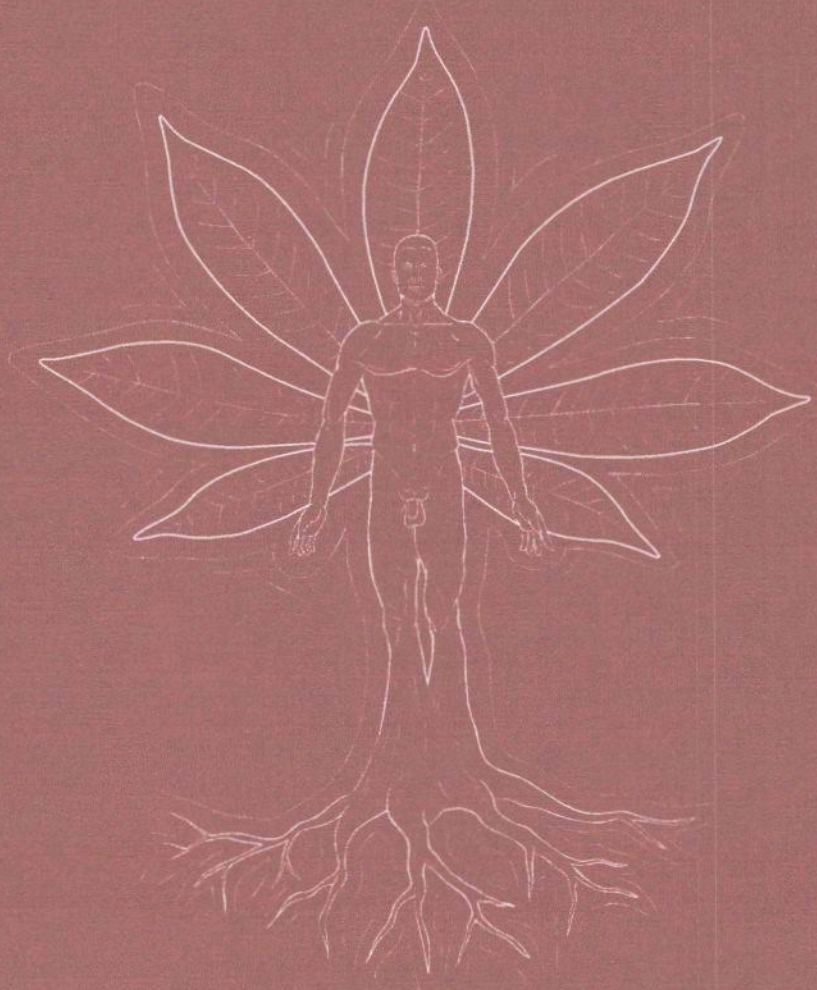
Sonhem junto conosco. Alimentem essa poética dos alimentos. Apreciem sem moderação e com bastante imaginação. Contem estas histórias da forma que entenderem ser melhor, recriem, reinventem e acrescentem e... sejam contadores de histórias para sempre.

MICHELLE MEDEIROS
VANILLE PESSOA CARDOSO
Professoras do Curso de Nutrição da UFPB

UFC BIBLIOTECA

SEÇÃO I

A mitologia dos alimentos



A LENDA DA MANDIOCA

Anna Karolina Lobão
Bruna Gisela
Samaya Santos
Thárissa Souza
Vanille Pessoa

Cena 1

Narrador:
Em um dia ensolarado, numa floresta encantada...

[a mãe de Maní entra enquanto todos fazem o barulho da floresta]

Narrador:
...uma índia Tupi dava a luz a uma linda criança [Nasce Maní]. A esta menina deu o nome de Maní. Sua pele era branca e reluzia à luz do Sol. Maní cresceu forte, feliz e generosa. Alegrando a aldeia. Todos a amavam muito e se encantavam com sua beleza. Até os passarinhos queriam bem a Maní, todos os peixinhos, todos os animais enfim. E também o rio a amava e toda a floresta, nascia sempre no céu um arco-íris cada vez que ela sorria.

Cena 2

Narrador:
Porém, em um dia escuro e chuvoso...

[todos devem fazer barulho de chuva com as palmas]

Narrador:
...a pequena indiazinha ficou doente, deixando triste toda a tribo. Às pressas o pajé da tribo foi chamado para ver a pequena indiazinha [entra o pajé]. O pajé fez vários rituais de cura e rezas para salvar a querida indiazinha

[todos devem fazer junto com o pajé o canto do ritual]

SÍ – FÚ – XÍ – PÁ
SÍ – FÚ – XÍ – PÁ
SÍ – FÚ – XÍ – PÁ
SÍ – FÚ – XÍ – PÁ...

Narrador:
Em seguida o pajé inicia uma poderosa oração.

Pajé *(cantando)*:
Aipim, Macaxeira, Maniva, Castelinha, Mandioca–mansa, Mandioca–brava.

Cena 3

[Entra a Mãe de Maní]

Narrador:
Apesar das poderosas orações Maní não resistiu e morreu. A mãe de Maní resolveu enterrar a indiazinha dentro da própria oca e regou o local todos os dias com

UFC/BIBLIOTECA

suas próprias lágrimas e seu choro se transformou em uma melodia:

MÃE DE MANÍ *(cantando)*:

A mãe de Maní chorou
O seu pranto derramou
Lá na cova de Maní, de Maní
Nasceu um pé de aipim.

CENA 4

NARRADOR:

Naquele lugar, depois de muitas luas nasceu uma planta cuja raiz era marrom por fora como a oca e branca por dentro como a pequena curumim. A mãe de Maní, vendo a beleza da planta, deu-lhe o nome de Mandioca, em homenagem a sua linda filha. Os índios passaram a usar essa planta para fazer muitas comidas da tribo: tapioca, bolo e até farinha. Surgiu em meio a toda aquela tristeza, uma nova esperança de uma tribo feliz. Realizando assim uma festa homenageando a linda Maní... Que a festa se inicie!

[Inicia-se a música de festa, todos cantam ao redor de Maní]

Aipim, Aipim branquinho
Que nasceu do pranto sem ser semeado
Foi meu amor, que me disse assim
Que a linda índia, é o aipim
Foi meu amor que me disse assim
Que a linda índia, é o aipim

[Melodia da cantiga Alecrim]

QUEM CONTA UM CONTO...

...FALA DE ALIMENTAÇÃO

Origem dos alimentos. Alimentação e crenças. Alimentos do território. Uso culinário dos alimentos.

...FALA DE EDUCAÇÃO

1) Ciências Humanas: História (História dos alimentos, História do Brasil e dos Indígenas brasileiros); Geografia (Alimentação e território); Ciências Sociais e Antropologia (Alimentação e cultura).
2) Ciências da Natureza: Biologia (Biosfera)
3) Linguagem: Português (Narrativas).

UFCG/BIBLIOTECA

HISTÓRIA DO MILHO

Aline Oliveira
Juliana Barbosa
Keicy Vieira
Naryelle Rocha

UFC/BIBLIOTECA

PARTE I
Deus e a criação do homem

Cena 1

[Os três homens estão sentados com a cabeça baixa e Deus entra na cena.]

Deus:
Estava aqui pensando: ultimamente não tenho nada para fazer. Tudo esta tão parado, não há nada para me entreter nem me divertir... o que será que posso fazer? Já sei! Irei criar um mundo!

Deus:
Primeiro eu vou criar o mar [efeito sonoro], agora o Sol e as Nuvens [efeito sonoro], vou criar as plantas, árvores e frutas [efeito sonoro], e agora os animais [efeito sonoro]! Mas espera aí, está faltando alguma coisa... Já sei!! Vou criar o homem!

[As três criaturas abaixadas levantam a cabeça assustadas!]

Os três homens:

O quê?

Deus:

Vou criar o homem.

Os três homens:

O homem não!

Deus:

O homem sim!!

[Abaixam a cabeça novamente.]

Cena 2

A criação do homem

Deus:

Vou criar o homem da argila, ela deve servir.

[Deus aponta para os três homens e eles se erguem]

Deus:

Isso era tudo o que eu precisava, serão fortes e robustos, me servirão e...

[Nesse momento começa uma ventania com chuva e os homens desmancham e novamente se abaixam]

Deus:

Oh não! Homens feitos da argila são imprestáveis, não conseguem sobreviver após uma tempestade. E agora, do que vou criar o homem?

Deus:
Já sei! Vou criar o homem da madeira!

[Deus novamente aponta para os três homens e eles se erguem]

Deus:
Agora está do jeito que eu queria. A madeira não irá quebrar com tempestades nem nada. Agora todos vocês: sigam-me e me sirvam-me!

Os três homens:
Não, não não!

Deus:
Eu sou o seu Senhor, vocês me devem obediência, eu quem vos criei!

Os três homens:
Nós não vamos lhe servir, não sabemos quem você é!

Deus:
Como vocês ousam me faltar com o respeito? Cansei de tentar criar o homem e ou a terra. Irei destruir tudo com um dilúvio!!

[Efeitos sonoros. A terra é destruída e os três homens novamente se abaixam]

Cena 3
A reconstrução da terra

Deus:
E tudo novamente ficou parado, sem graça, simples... o que eu poderia fazer para ficar mais feliz?

UFC BIBLIOTECA

DEUS:

Já sei! Vou novamente criar a terra e o homem!

DEUS:

E mais uma vez primeiro eu vou criar o mar [efeito sonoro], agora o Sol e as nuvens [efeito sonoro], vou criar as plantas, árvores e frutas [efeito sonoro], e agora os animais [efeito sonoro]!

DEUS:

Mas e o homem, do que vou criá-lo dessa vez? Para que seja forte e um servo fiel... Já sei! Vou criá-lo do milho!

[Deus aponta para os três homens e eles se erguem]

OS TRÊS HOMENS:

Sim, sim, sim!

UM DOS HOMENS:

Meu Senhor, que honra estar aqui para servi-lo! O que podemos fazer para agradar o nosso Mestre?

OS TRÊS HOMENS:

Oh não, estou me sentindo fraco e sem força...

DEUS:

O que está acontecendo com vocês?

OS TRÊS HOMENS:

Nós temos fome Senhor, muita fome...

DEUS:

Mas é claro que vocês precisam de energia, mas, do que vou alimentá-los?... Já sei! Homens de milho vão comer milho!

[Deus aponta para os três homens e os alimenta]

Os três homens:
Ohhhh! [admirando sua força]

Um dos homens:
Agora sim Senhor, estamos fortes e saudáveis, prontos para tudo o que o Senhor precisar que façamos para ti.

Deus:
Estou muito satisfeito com minha criação! Que vários milhos coloridos sejam espalhados por toda a Terra criando em muitos locais diferentes culturas e pessoas felizes...

[Enquanto os milhos são espalhados pela terra, a cena congela e Deus e os três homens são agora quatro pessoas em uma festa no sertão. O antigo Deus, agora personagem 1, pega um milho que cai em suas mão do céu]

PARTE II
O milho chega ao Sertão brasileiro

Cena Final

Personagem 1:
Nossa, que milho gostoso da gota hein...

Personagem 2:
Pois é sô, baum demais, chega enche meu buxo todim...

Personagem 3:
Pois eu queria era dançar alguma coisa, o que cês acham?

Personagem 4:
Cês tão ouvindo essa canção? Vamos comemorar a colheita!!

UFC BIBLIOTECA

[Os quatro se juntam e cantam e dançam a seguinte canção]

Hoje tem festa do milho
O sertanejo vibra
Com a pamonha e a canjica
Que alimentam a vida

Mas a semente não pode
Ser tão transformada porque o milho bom
É plantado em casa

A semente que é boa
É chamada criola
Vem pra festa do milho (2x)
Que tem pai,mãe e filho! (2x)

UFC BIBLIOTECA

QUEM CONTA UM CONTO...

...FALA DE ALIMENTAÇÃO

Origem dos alimentos. Alimentação e crenças. Alimentos do território. Uso culinário dos alimentos. Alimentação e festividades.

...FALA DE EDUCAÇÃO

1) Ciências Humanas: História (História dos alimentos, História da América Latina e dos Indígenas latino-americanos); Geografia(Alimentação e território); Ciências Sociais e Antropologia (Alimentação e cultura, festividades).
2) Ciências da Natureza: Biologia (Biosfera); Ciências da Natureza (Transgenia).
3) Linguagem: Português (Narrativas); Língua Estrangeira-espanhol (Livro do Popol Vuh, Mitologia Maia).

A LENDA DO AÇAÍ

Anna Karolina Lobão
Juliana Barbosa
Rafaela Santos
Samaya Santos

UFC BIBLIOTECA

Cena 1

[Crianças brincando e cantando]

Joana:
Banana, bananeira... [todas respondem]

Mariana:
Maçã, macieira... [todas respondem]

Ana:
Laranja, laranjeira... [todas respondem]

Maria:
Açaí...

[as outras crianças se olham sem saber a resposta]

Todas:
Açaí... [se olham sem saber a resposta] Açaí...

Maria:

Açaí, açaizeiro...

Açaí, açaizeiro.
Açaí, açaizeiro.
Açaí, açaizeiro.

Ana:

Mas o que é o açaí? O que é um açaizeiro?

Maria:

Você não sabe o que é o açaí?

Ana:

Não, eu não sei!

Joana e Mariana:

Você não sabe o que é o açaí?

Ana:

Não, eu não sei!

Maria, Mariana e Joana *(espantadas)*:

Você não sabe o que é o açaí?

Ana:

Não! Eu já disse quenão sei!

Mariana:

Ah meu Deus! Não acredito! O açaí é igualzinho à carambola não sabia, não? É amarelinho e quando você corta vira uma estrela!

Joana:

Ai, Mariana! Não tem nada a ver! O açaí é verdinho e parece mesmo é com a pêra! É sim, pois é, verde e lisinho!

UFC BIBLIOTECA

Maria:

Chega! Basta de tanta besteira! Não aguento mais ouvir tanta bobagem! Vocês não sabem o que é açaí! Nenhuma de vocês! O açaí é roxinho, redondinho, parece na verdade com a jabuticaba só que bem pequeno.

[Maria com cara de quem teve uma ideia muito boa faz uma pergunta]

Maria:

Já sei! Vocês querem saber a história do açaí? Essa história quem me contou foi minha tatá, tatá, tatá, tatara-avó quando fui visitar ela lá na Amazônia.

Mariana, Joana e Ana:

Sim, queremos!

Maria:

Certo! Então vocês serão as personagens da história! E vão fazer tudo que eu narrar! Ana você será a índia Iaçá, você Mariana vai ser a Cacique Kuará e Joana será a pajé Iracema.

Mariana, Joana e Ana:

Oba! Sim, faremos!

Cena 2

Maria:

Era uma vez... Lá longe, na floresta Amazônica uma tribo. Essa tribo estava sofrendo com fome, já não tinha mais comida suficiente para todos. Foi então que a cacique teve que tomar uma difícil decisão, não poderia mais ficar na tribo nenhuma criança que nascesse e teriam que ser levadas embora para outra tribo que tivesse comida. Chamou sua pajé Iracema e lhe deu a notícia.

Cacique Kuará:

Iracema! Cacique ter que tomar uma triste decisão! Não poder mais nascer curumins na tribo!

Iracema surpresa:

Oh, Cacique Kuará! Por quê?

Cacique Kuará:

Porque não ter mais comida! Se curumim fica na tribo, morre de fome! Fica fraca e morre de fome tribo inteira se muita criança nasce! Não ter mais comida! Cacique não poder fazer nada! Cacique muito triste!

Iracema:

Oh, cacique Kuará! Que triste!

Cena 3

Maria:

Até que um dia, Iaçá, a filha da Cacique apareceu com uma filha nos braços. Implorou à sua mãe pra ficar sua filha, pois não queria que ela fosse embora!

Iaçá:

Mamãe essa ser Jurema, filha de Iaçá! Iaçá quer ficar com Jurema! Jurema não poder ir embora! Iaçá ama Jurema! Jurema ficar!

Cacique Kuará:

Filha, essa criança não poder ficar! Todas as crianças ter que partir! Tribo não ter comida! Cacique é chefe da tribo, não poder deixar jurema ficar! Iracema leve Jurema! Leve até outra tribo que tenha comida!

[Cacique Kuará entrega Jurema para Iracema que a leva embora]

UFC BIBLIOTECA

Maria:

Iaçá caiu aos pés de sua mãe e chorou muito. Implorou àsua mãe que a deixasse ficar com sua filha. Mas a cacique tinha que dar o exemplo e não podia permitir isso, foi firme na sua decisão e saiu para afloresta. Iaçá ficou caída no chão, chorando e sofrendo muito. Pediu em oração a Tupã que mostrasse um jeito à sua mãe de resolver o problema da fome da tribo. Para que as crianças não precisassem mais ir embora!

Cena 4

Maria:

Foi então que a noite passou e ao retornar para casa a cacique Kuará foi em busca de sua filha e não a encontrou mais. No lugar onde havia deixado, encontrou uma árvore que nunca tinha visto. Era uma palmeira alta, com frutos roxos e pequenos, quando se espremia saía um suco com cheiro bom. Foi quando a cacique quis provar o fruto e viu que era bom. Chamou então Iracema para ver o novo fruto e toda a tribo. Como não conhecia este fruto, deu-lhe o nome de Açaí, que é Iaçá ao contrário. Fez isso em homenagem à sua filha que desapareceu naquele lugar. Açaí-Iaçá, Açaí-Iaçá..

E foi assim que acabou a fome na tribo e todos festejaram cantando:

Açaí, açaizeiro
Açaí, açaizeiro
Açaí, açaizeiro

UFC/BIBLIOTECA

QUEM CONTA UM CONTO...

...FALA DE ALIMENTAÇÃO

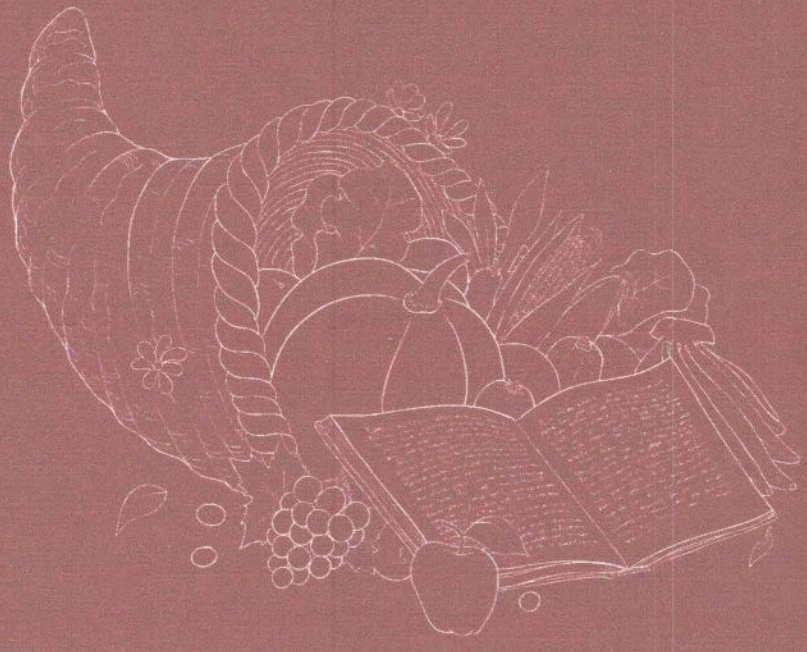
Origem dos alimentos. Alimentação e crenças. Alimentos do território.

...FALA DE EDUCAÇÃO

1) Ciências Humanas: História (História dos alimentos, História do Brasil e dos Indígenas brasileiros); Geografia (Alimentação e território). Ciências Sociais e Antropologia (Alimentação e cultura).
2) Ciências da Natureza: Biologia (Biosfera)
3) Linguagem: Português (Narrativas).

SEÇÃO II

O caldeirão da cultura



O ROUBO DO FOGO[2]

MICHELLE MEDEIROS

Cena 1

[Urubus cozinhando e um Guarani comendo carne crua]

NARRADOR:
Em tempos antigos os Guarani não sabiam acender fogo. Na verdade eles apenas sabiam que ele existia, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus.

NARRADOR:
Os urubus comiam seu alimento assado ou cozido e nenhum outro animal ou homem da floresta tinha este privilégio, pois foram eles que primeiro descobriram um jeito de se apossar das brasas da grande fogueira do Sol. Um dia quando o Sol estava bem fraquinho os urubus foram até lá e retiraram algumas brasas, as quais tomavam conta com muito cuidado e zelo. Todos queriam roubar o fogo dos urubus, mas ninguém se atrevia a desafiá-los.

UFC BIBLIOTECA

2 Adaptada de MUNDURUKU, Daniel. Contos Indígenas Brasileiros. São Paulo: Global, 2005.

Cena 2

[Todos da floresta reunidos para ouvir o plano do herói]

Narrador:

Um belo dia, o grande herói dos Guaranis retornou de uma longa viagem que fizera. Seu nome era Nhanderequeí. Guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus. Bolou um plano para enfrentar os temidos urubus, guardiões do fogo. Convocou todos para a luta! Até mesmo o pequeno curucu, que fora convidado, compareceu dizendo que também tinha muito interesse no fogo. Todos já reunidos, Nhanderequeí contou seu plano:

Nhanderequeí:

Vou me fingir de morto bem debaixo do ninho dos urubus. Todos vocês devem ficar escondidos e quando eu der uma ordem, avancem para cima deles e os espantem daqui. Nesta hora, roubaremos o fogo.

Narrador:

Todos concordaram e procuraram um lugar para se esconder. Não sabiam por quanto tempo iriam esperar. Nhanderequeí deitou-se. Permaneceu imóvel por um dia inteiro.

Cena 3

[Urubus rondando o corpo do herói]

Narrador:

Os urubus, lá do alto, observaram com desconfiança. Será que aquele homem estava morto mesmo ou estava apenas querendo enganá-los? Por via das dúvidas preferiram aguardar mais um pouco. Esperaram vários dias rondando o corpo. Perguntavam-se se o homem

UFC BIBLIOTECA

não estava fingindo de morto. Mas, pensavam: nenhum homem pode fingir-se de morto assim por tantos dias.

URUBU CHEFE:
Já decidi! Vamos comê-lo!

TODOS OS URUBUS:
Vamos comê-lo!

URUBU CHEFE:
Podem trazer as brasas para fazermos a fogueira.

NARRADOR:
Eles colocaram Nhanderequeí sobre o fogo, mas graças a uma resina que ele passou pelo corpo, o fogo não o queimava. O herói se levantou do meio das brasas dando um grande susto nos urubus que, com medo, voaram. Nhanderequeí gritou a todos os amigos que estavam escondidos para que atacassem os urubus e salvassem alguma daquelas brasas ardentes.

NARRADOR:
Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram o máximo que puderam para apagar as brasas, engoli-las e não permitirem que aqueles seres tomassem posse delas. Foi uma correria geral! Acontece, no entanto, que na pressa de salvar o fogo, quase todas as brasas se apagaram por terem sido pisoteadas.

CENA 4

NARRADOR:
Quando tudo se acalmou, Nhanderequeí chamou a todos e perguntou quantas brasas haviam conseguido. Uns olhavam para os outros... Mas qual foi a tristeza geral ao se depararem com a realidade: ninguém havia salvado uma pedrinha sequer. O macaco disse:

UFCG BIBLIOTECA

Macaco:

Só temos carvão e cinzas.

Nhanderequeí:

E para que nos há de servir isso? Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!

Narrador:

Acontece que, por trás de todos, saiu o pequeno cururu, dizendo...

Cururu:

Durante a luta os urubus se preocuparam apenas com os animais grandes e não notaram que eu peguei uma brasinha e coloquei na minha boca. Espero que ainda esteja acesa. Mas pode ser que...

Nhanderequeí:

Depressa. Pare de falar, meu caro curucu. Não podemos perder tempo. Dê-me esta brasa imediatamente.

Narrador:

Nhanderequeí tomou a brasa em suas mãos e assoprou levemente. Com isso ele conseguiu reacender a chama. Isso foi o bastante para incomodar os animais, que logo disseram:

Animais *(cantando)*:

Fumaça não!

Macaco:

Se o fogo sempre faz fumaça, não será bom para nós. Nós não suportamos fumaça.

Narrador:

Dizendo isso, os bichos foram embora, deixando o fogo com os homens.

Cena final

Narrador:

Nhanderequeí continuou cuidando da pequena brasa. Ele fazia com todo cuidado, com todo jeito. Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem madeiras e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo. Além disso, o corajoso herói ensinou seu povo a fazer um pilãozinho onde guardar as brasas e assim conservar o fogo para sempre. Dizem os velhos desse povo que até os dias de hoje os Guarani guardam o pilãozinho e aquelas madeiras.

UFC BIBLIOTECA

Quem conta um conto...

...fala de alimentação

Processo de transformação dos alimentos. Nascimento da culinária.

...fala de educação

1) Ciências Humanas: História (História do Brasil e dos Indígenas brasileiros); Ciências Sociais e Antropologia (Passagem da natureza para cultura. O fogo como elemento de civilização).
2) Ciências da Natureza: Química e Biologia (Processo de transformação dos alimentos. Importância do fogo: segurança dos alimentos, conservação, pré-digestão, mudanças na anatomia humana). Português (Narrativas).
3) Linguagem: Português (Narrativas).

PERSÉFONE E AS ESTAÇÕES

Daysio Sidney
Jackson Silva Lima
Michelle Medeiros
Rayane Paiva
Sávio Gomes
Vanille Pessoa

UFC BIBLIOTECA

Cena 1

[Deméter em cena com agricultores e Perséfone]

Narrador:

Conta a história que Deméter [Deméter aparece fazendo gesto da semeadura e homens repetem], deusa dos campos dourados, quetrabalhava incessantemente junto aos homens, ensinando-lhes o plantio e a colheita de trigo, tinha uma filha chamada Perséfone, uma jovem virgem adolescente com os cabelos dourados como os raios de Sol. Sua mãe, Deméter, a incumbia de colher ramos de trigo em um campo separado dos outros, preservando-a do contato com os homens.

Cena 2

[Hades e Perséfone em cena]

Narrador:

No mundo subterrâneo... [Som de uivo] ...habitava um deus chamado Hades, senhor dos infernos e do mundo dos mortos. Em uma de suas passagens pela superfície, Hades avista Perséfone nos campos de trigo e se apaixona imensamente por ela. Indo em sua direção, agarra-a pelos cabelos e a coloca em sua carruagem negra puxada por cavalos negros que soltavam chamas verdes das ventas.

Narrador:

A terra se abre num terremoto... [Som de terremoto] ...e Hades rapta Perséfone, levando-a ao seu reino nas profundezas em seu cavalo.

[Som de cavalo correndo]

UFC BIBLIOTECA

Cena 3

[Deméter desesperada em busca de sua filha]

Narrador:

Na superfície, ao fim de mais um dia de trabalho, Deméter percebe o desaparecimento de sua filha e, desesperada gritava seu nome pelos campos.

Deméter:

Filha!!!! Filha!!!!!

Narrador:

Depois de nove dias e nove noites, desiludida e cheia de dor, Deméter torna-se estéril e a vegetação sob seu domínio responde da mesma maneira, tornando a

terra infértil e árida, trazendo a fome e a desolação aos homens.

Cena 4

[Em cena, Zeus e Hermes negociam]

Narrador:
No Olimpo, Zeus, irmão de Hades, que tinha assistido a tudo, resolve intervir, chamando Hermes para ir até as profundezas para convencer Hades a libertar Perséfone. Pois somente ele tinha condições de entrar nos infernos por possuir a palavra sagrada impronunciável que abria os portais.

Cena 5

[Diálogo entre Hermes, o mensageiro, Hades e Perséfone]

Narrador:
Indo até lá e encontrando Hades, surpreende-se. Ao tentar convencê-lo a libertar Perséfone, Hades diz que ele poderia levá-la a qualquer instante. Sua surpresa maior foi pelo fato de que Perséfone se recusava a voltar à superfície. Após ter conhecido o prazer e se transformado em uma mulher exuberante e madura, negava-se a sair de lá, local onde tinha se transformado e tido contato com o outro lado da vida e se apaixonado.

Cena final
A Sentença de Zeus

Narrador:
Hermes leva a questão a Zeus, que percebendo não

poder interferir nas questões do amor entre ela e seu irmão, profere uma sábia sentença:

Zeus:

Perséfone não se separará de Hades, que tanto ama, mas não poderá deixar sua mãe que, triste, não permite que a terra produza alimento para os homens. Por isso, passará nove meses na superfície, junto a sua mãe Deméter, período de florescência, maturação e colheita. No período invernal, nos três meses seguintes, enquanto a terra dorme, o passará em companhia de seu esposo Hades.

Narrador:

Assim nasceram as estações: primavera, verão, outono e inverno. Perséfone deveria realizar este serviço imposto: estando com Hades, dando-lhe prazer e recebendo amor, mas também serviria à terra, à mãe e à natureza.

[Finalizar com a música]

A jovem foi raptada
Dos pais ela foi roubad
A mãe se entristeceu
E a terra escureceu

Mas, tudo foi combinado
Um acordo foi acertado
Um retorno aconteceu
E a terra floresceu

Em casa, já Primavera
Verão, só festa era
O outono, a despedida
O inverno era partida...

[melodia da cantiga Cravo brigou com a Rosa]

UFC BIBLIOTECA

QUEM CONTA UM CONTO...

...FALA DE ALIMENTAÇÃO

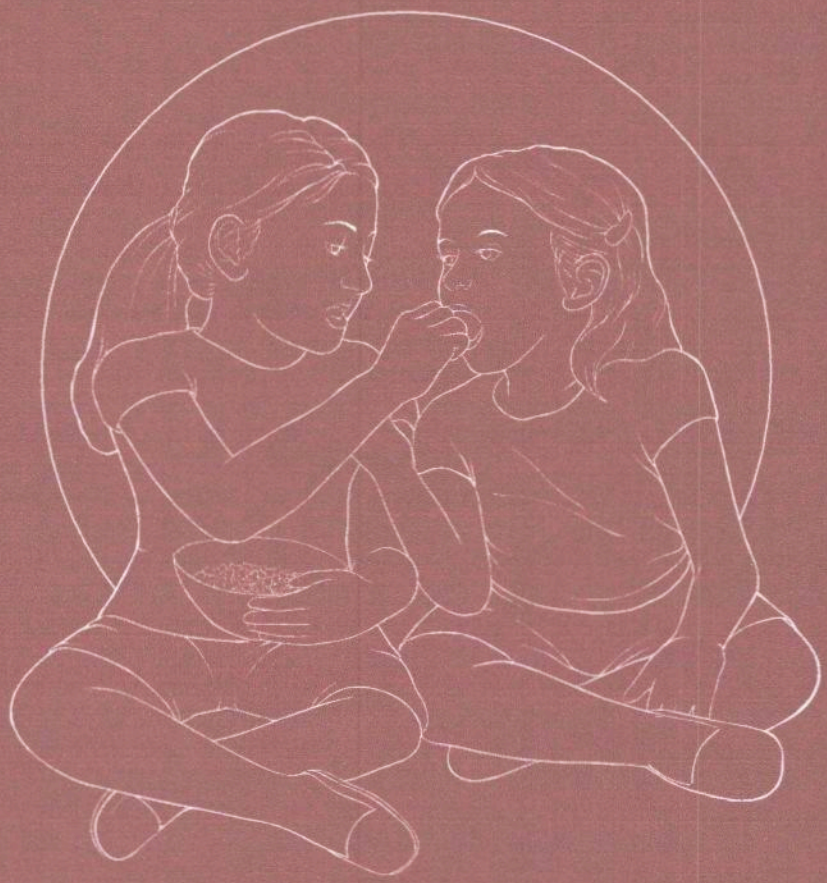
Sazonalidade. Agricultura.

...FALA DE EDUCAÇÃO

1) Ciências Humanas: História (Surgimento da Agricultura, Neolítco, Antiguidade Clássica); Geografia (Alimentação e vocação agrícola do território); Ciências Sociais e Antropologia (Alimentação e cultura).
2) Ciências da Natureza: Biologia (Biosfera, Botânica); Física (Terra e Sistema Solar, Estações do ano)
3) Linguagem: Português (Narrativas).

SEÇÃO III

A partilha e o sabor



UFCG BIBLIOTECA

UM JANTAR PARA O POETA[3]

Daysio Sidney
Jackson Silva Lima
Michelle Medeiros
Sávio Gomes

Cena 1
O convite

[Em cena, o rei lendo A Divina Comédia e Giovani, seu criado]

Narrador:
Era uma vez, há muito tempo atrás, na Itália, um reichamado Umberto. Uma das coisas que o rei mais gostava de fazer era ler. Por isso, um belo dia, ele decidiu oferecer um jantar para conhecer pessoalmente um poeta que admirava muito. Seu nome era...

Giovani:
Dante, Dante Alighieri.

3 Adaptada de MONTANARI, Massimo. **El Puchero Mágico**. Oniro: Barcelona, 2009.

Rei:

Giovani, peço que envie essa mensagem e convide Dante Alighieri para um jantar de honra que oferecerei no meu palácio.

[Lança mensagem para o criado e criado a arremessa para Dante]

Cena 2

A viagem

Narrador:

Dante recebeu ansiosamente a mensagem do rei e sentiu-se muito honrado com o convite. Imediatamente pegou a sua mala e partiu.

Naquela época as pessoas viajavam à cavalo. O que era longe ficava ainda mais distante. Foram três dias e três noites de viagem.

[som do galope da viagem]

Cena 3

O jantar - parte 1

Narrador:

Dante chegou no jantar de última hora. Estava muito apressado. Sequer teve tempo de abrir sua mala e trocar suas roupas. Por isso, foi vestido com roupas muito simples e até um pouco desalinhado. Um dos criados recebeu Dante e o levou ao fundo deuma das mesas, bem distante do rei.

[Criado recebe Dante e o acomoda]

NARRADOR:

Naquela época, a importância das pessoas em um jantar era refletida pelo lugar que cada um ocupava. Quanto menor a distância do rei, maior o seu prestígio. Dante estava decepcionado: em um jantar onde era convidado de honra, sentou-se no fundo de uma mesa e sequer foi cumprimentado pelo rei. Mas, como estava com muita fome, ainda comeu um pouco de carne, bebeu um pouco de vinho e, assim que terminou a comida, retirou-se do palácio em silêncio. Pegou sua mala e partiu..

CENA 4

As desculpas, o retorno

REI:

Que estranho, Giovani! O jantar já acabou e nem sinal do poeta Dante!

GIOVANI:

Santo rei, lembra-se de um homem, indevidamente vestido, que comia no fundo daquela mesa? Aquele que comeu rapidamente e foi embora?

[Rei acena negativamente]

GIOVANI:

Ele era Dante, Dante Alighieri, o poeta.

REI:

Envie uma nova mensagem, desta vez de desculpas, e peça a Dante que regresse ao palácio.

NARRADOR:

Dante recebeu a nova mensagem enquanto retornava à sua casa. Decidiu retornar.

UFCG - BIBLIOTECA

Cena 5

O jantar - parte 2

Narrador:

Desta vez, Dante apresentou-se ao rei com um belo traje vermelho, do mais nobre tecido. O rei Umberto lhe acolheu respeitosamente e reservou para ele o lugar mais próximo ao seu, o de maior importância à mesa. Quando o banquete começou a ser servido, o poeta assombrou o rei com seu comportamento extravagante: cada vez que lhe serviam a carne, antes de comê-la, Dante a esfregava na roupa. Quando era servido o vinho, ele deixava jorrar por cima de sua roupa. O rei pensou: "Que homem mal educado! Onde já seviu um poeta se comportar dessa maneira? Pegar o vinho e jogar sobre a roupa?"

Rei:

Como se atreve a se comportar assim?

Dante:

[levanta-se e profere as palavras] Santo rei, o senhor deu tanta importância às roupas que estava vestindo, que estavam feias e sujas, que me manteve distante. Agora que me visto bem o senhor me quis próximo. Se minhas roupas são tão importantes assim, elas também devem ser alimentadas.

Narrador:

A fala de Dante causou um grande embaraço entre todos que estavam no jantar. Mas, o rei Umberto, soube reconhecer a honestidade e a grande sabedoria do poeta e pediu que ele ficasse alguns dias em seu palácio.

Rei:

Desculpe-me, Dante. Aprendi com você que devemos valorizaras pessoas pelo que elas são e não pela forma que elas se vestem.

QUEM CONTA UM CONTO...

...FALA DE ALIMENTAÇÃO

Comensalidade. Regras da alimentação. Hierarquias à mesa.

...FALA DE EDUCAÇÃO

1) Ciências Humanas: História (Mesa e poder: espaço de hierarquias); Geografia (Itália); Ciências Sociais e Antropologia (Alimentação e cultura, o elemento de hierarquia à mesa, Sociabilidade e alimentação).
2) Linguagem: Literatura (Dante Alighieri, A Divina Comédia).
3) Ética: Atitude de respeito pelas diferenças

UFC BIBLIOTECA

COMER PARA CRESCER

Maria Fernanda
Natália Pereira
Rafaela Juliane
Taysa Rayane

UFC BIBLIOTECA

Cena 1

Narrador:

Todas as noites Mariazinha e sua mãe sentavam-se à mesa parajantar. Porém, Mariazinha nem sempre gostava daquilo que via em seu prato. Odiava verduras e legumes. Ela também tinha uma cachorrinha de estimação chamada Mel, que carinhosamente era chamada de Melzinha, uma cadelinha muito sapeca.

[Na mesa de jantar, a mãe e Mariazinha]

Mãe:

Vamos jantar minha filha! Hoje temos arroz, carne, salada de alface, tomate e cenoura.

Mariazinha:

Vamos, mamãe! (sussurrando) Eca, que nojo!

NARRADOR:

Porém, a mãe de Mariazinha nem sempre prestava atenção no que sua filha fazia, pois, estava ocupada demais olhando o celular, principalmente na hora das refeições. Mariazinha, que não tinha gostado nada do que tinha visto no prato, viu sua cachorrinha Mel embaixo da mesa e então teve uma ideia.

MARIAZINHA *(sussurando)*:

Já sei!

NARRADOR:

Mariazinha, percebendo que a mãe como sempre estava distraída como celular, decidiu sair de sua cadeira e ir para debaixo da mesa. Mas quando ia fazer isso, sua mãe tirou o celular de vista e a indagou...

MÃE:

A comida está gostosa, filha?

NARRADOR:

Mariazinha nervosa, tenta disfarçar.

MARIAZINHA:

Sim, mamãe!

NARRADOR:

Mariazinha então desce da cadeira para baixo da mesa e oferece sua comida para sua cadelinha Mel.

MARIAZINHA:

Olha Melzinha, que gostosa minha comida! Você quer? Eu te dou!

NARRADOR:

A cadelinha ouviu a oferta de Mariazinha e respondeu imediatamente.

Mel:

Au, au, au! Não, não, não! Eu não vou comer sua comida. Se é tão gostosa, por que você não come?

Mariazinha:

Não, eu não quero. Sinto-me satisfeita com o almoço, não sinto vontade de comer.

Mel:

Eu não quero sua comida, minha ração já tem tudo que eu preciso para crescer forte, saudável e cheia de energia. Você tem que comer a sua comida para ficar forte e bonita como eu.

Mariazinha:

Se você não quer, então eu também não quero isso, não mesmo. Euvou jogar tudo no lixo!

Narrador:

Sem que a mãe percebesse, Mariazinha joga todo o jantar no lixo e em seguida volta para mesa fingindo ter comido tudo.

Mariazinha:

Pronto mamãe, já acabei tudo, acho que vou dormir. Boa noite!

Mãe:

Boa noite, filha.

Cena 2

Narrador:

No dia seguinte, Mariazinha é acordada por Mel, que feliz e serelepe vai chamá-la para brincar lá fora. Porém, Mariazinha não se sente muito bem.

UFC BIBLIOTECA

Mel:

Au, au, Mariazinha vamos brincar, vamos!
Mariazinha: Não, não estou com vontade de fazer nada, só quero ficar aquideitada. Não me sinto bem, estou cansada.

Mel:

Você não está bem porque não comeu o seu jantar ontem e por isso não tem energia. Olha pra mim, como me sinto bem! Comi toda a minha ração e hoje estou disposta e cheia de energia.

Mariazinha:

Melzinha acho que você tem razão.

Narrador:

Mariazinha então levanta da cama e resolve comer. Senta à mesa ondesua mãe já está a sua espera para tomar o café da manhã.

UFC BIBLIOTECA

Cena 3

Mãe:

Bom dia, filha. Tome um pouco de suco.

Narrador:

Mariazinha aceita o suco e ao tomá-lo começa a sentir ótimas sensações em seu corpo, começa a sentir uma energia fluir, e a cada gole que dá se sente energizada, percebendo então que precisa comer para sentir aquela ótima sensação todos os dias. Ela fica tão cheia de vida que sai correndo com sua cadelinha para brincar junto com as crianças do bairro.

Mariazinha:

Vamos Melzinha, vamos brincar! Me sinto ótima e cheia de energia! Vamos!

[Todos cantam]

Brincadeira, choradeira
Pra quem vive uma vida inteira
Mentirinha, falsidade
Pra quem vive só pela metade
Seja um príncipe ou um sapo
Seja um bicho ou uma pessoa
Até mesmo o pé de nabo
Tem alguma coisa boa

QUEM CONTA UM CONTO...

...FALA DE ALIMENTAÇÃO

Comensalidade. Função orgânica dos alimentos.

...FALA DE EDUCAÇÃO

1) Ciências Humanas: História (Mesa e poder: espaço de hierarquias); Geografia (Itália); Ciências Sociais e Antropologia (Alimentação e cultura, o elemento de hierarquia à mesa, Sociabilidade e alimentação).
2) Linguagem: Literatura (Dante Alighieri, A Divina Comédia).
3) Ética: Atitude de respeito pelas diferenças

A HISTÓRIA DAS FRUTAS

Aline Oliveira
Bruna Gisela
Keicy Vieira
Maria Fernanda Florentino
Naryelle Rocha
Natália Pereira

UFCG BIBLIOTECA

Cena 1

[As frutas estão sentadas de cabeça baixa. Ana entra]

Narrador:

Ana é uma bela menina que morava na Vila da Alegria. Ela era uma menina extrovertida, adorava brincar e animava toda a vizinhança. Um belo dia, antes de dormir, Ana teve uma grande dúvida.

Frutas:

Uma dúvida?

Narrador:

Sim, uma dúvida!

Frutas:

Dúvida não...

Ana:

Dúvida sim! E agora o que eu vou comer amanhã quando acordar para ter forças para brincar, estudar... São tantas opções... Banana, maçã, mamão, abacaxi...

Cena 2

[Ana vai caindo lentamente no sono. As frutas levantam e falam uma após a outra.]

Narrador:

Enquanto Ana dormia, algo estranho aconteceu. Várias cores surgiram e em cada uma, uma fruta apareceu.

Maçã:

Olá Ana, eu sou a maçã! Sou rica em fibras que vão fazer muito bem a sua saúde. Posso ser verde ou vermelha, você quem escolhe. Tenho várias vitaminas e minerais, que vão lhe deixar bem forte!

Laranja:

Eu sou redondinha, amarelinha. Eu sou deliciosa. As vezes eu sou verdinha por fora e até um pouco azedinha. Eu proporciono muita energia pra você brincar, estudar e ainda protejo de muitas doenças. Posso ser comida inteira, mas se você quiser pode espremer e fazer um suquinho.

Mamão:

Oi eu sou o mamão! Sou amarelinho, tenho muitas fibras e vitaminas! Tenho muita vitamina C. Além disso, sou rico em Cálcio, então, me comendo vocês terão muito mais força e energia para brincar e correr!

Abacaxi:

Oi Ana, eu sou o cheiroso abacaxi! Sou rico em vitamina C, ajudo a prevenir gripes e resfriados. Quando apareço na mesa alegro toda a garotada!

Banana:

Olá Ana! Vestiram-me de amarelo e enfeitaram-me de marrom. Sou fonte de carboidrato, que te fará ter bastante energia para brincar, sou a querida banana, um alimento rico em fibras e potássio. Sou muito boa!

[Após cada fruta se apresentar, elas se encaram uma por uma e dizem]

Maçã:

Ela vai me escolher!

Laranja:

Não! Ela vai me escolher!

Abacaxi:

Ela vai me escolher!

Mamão:

Na verdade ela vai me escolher!

Banana:

Estão todas enganadas! Ana vai me escolher!

Todas as frutas:

Ana vai me escolher!

Cena Final

[Ana vai acordando. As frutas permanecem de pé, mas em silêncio.]

Narrador:

E quando amanheceu na Vila da Alegria, Ana acordou confusa e com uma decisão a tomar.

Ana:

Que estranho! Eu sonhei que várias frutas estavam brigando. Era mamão e maçã, falando, laranja bodejando, o abacaxi estava se achando e a banana também. Mas eu não quero que elas briguem, elas são todas especiais. Já sei! Já decidi o que vou tomar no café da manhã. Vou juntar todas as frutas e fazer uma salada de frutas! Todas vão ficar felizes e eu vou ficar forte para brincar e estudar! Venham frutinhas, venham!

[As frutas fazem uma roda ao redor de Ana e cantam a canção]

Quero muito descobrir um novo sabor
Conhecer e provar cada fruta com amor
Com elas viajar em um mundo de cor
Banana, maçã e laranja: que sabor!

Ana:

Mas sabem o que eu descobri?

Eu posso misturar todas elas com amor
E assim inventar um novo sabor:
LARANJA, MAÇÃ, MAMÃO, BANANA, ABACAXI
Fazer uma salada e ter todas só pra mim! (2x)

QUEM CONTA UM CONTO...

...FALA DE ALIMENTAÇÃO

Função orgânica dos alimentos. Variedade. Formação dos hábitos alimentares.

...FALA DE EDUCAÇÃO

1) Ciências Humanas: Ciências Sociais e Antropologia (Formação dos hábitos alimentares, papel da cultura)
2) Ciências da Natureza: Biologia, Física e Química (Energia, Macro e Micronutrientes, Importância das cores nos alimentos, Variedade alimentar)
3) Ética: cuidado com o planeta (culturas orgânicas)

UFCG/BIBLIOTECA

Posfácio

Atualmente um dos mais relevantes desafios para os profissionais que atuam no campo da alimentação e Nutrição é, sem dúvidas, elaborar ações visando a promoção da alimentação saudável. Eu poderia me referir a diferentes estudos que alertam para o consumo alimentar não saudável da população brasileira. Porém, hoje, optei por não trazê-los como exemplo. Convido você, leitor, a me contar - como se alimentou ontem? Quais produtos podem ser encontrados no armário da sua casa? Quais receitas gosta de preparar? Onde costuma se alimentar? Na contação da sua história, talvez, não seja necessário responder a todas as perguntas para perceber que praticar alimentação saudável é um desafio também pra você, assim como, é para mim.

Comer é um ato carregado de sentidos. Decidir o que pôr na mesa, quais alimentos comprar ou mesmo onde realizar suas refeições, é uma escolha mediada também pela identificação do ser humano com o alimento, ou seja, pelos sentidos construídos ao longo da sua história. Assim, considerando o nosso convívio em um ambiente alimentar globalizado, industrializado e marcado pelo fast, a pergunta que não pode calar é: quais os sentidos que estão sendo despertados nas crianças que nascem e crescem nesta sociedade moderna?

UFCG/BIBLIOTECA

As histórias aqui contadas alimentam a imaginação e estimulam a reflexão sobre o mundo. Em A mitologia dos alimentos e O caldeirão da cultura as lendas e fábulas narradas são regadas de simbolismos que conectam a criança com o universo físico e com a natureza, além de que, também remetem à origem e cultura do povo brasileiro. Os contos de A partilha e o sabor são um convite a sociabilidade e a descoberta de novos sabores e da função dos alimentos para nutrir o corpo e, porque não, a alma com pressupostos éticos e de respeito com o outro.

A contação de histórias desperta e instiga a criança a olhar de outra forma o mundo ao seu redor - constrói novos sentidos. A experiência com a arte promove sensações de prazer, emociona, alegra e é capaz de transformar a relação da criança com o alimento e ato de comer.

Assim, Repasto Literário - promoção da alimentação saudável e contação de histórias é realmente um grande banquete para aqueles, que como eu, acreditam que não é apenas necessário, mas principalmente possível, dinamizar e inovar as práticas de intervenção no campo da alimentação e Nutrição.

Poliana de Araújo Palmeira
Professora do curso de Nutrição (UFCG/CES)

Aliá Editora